



ZERO

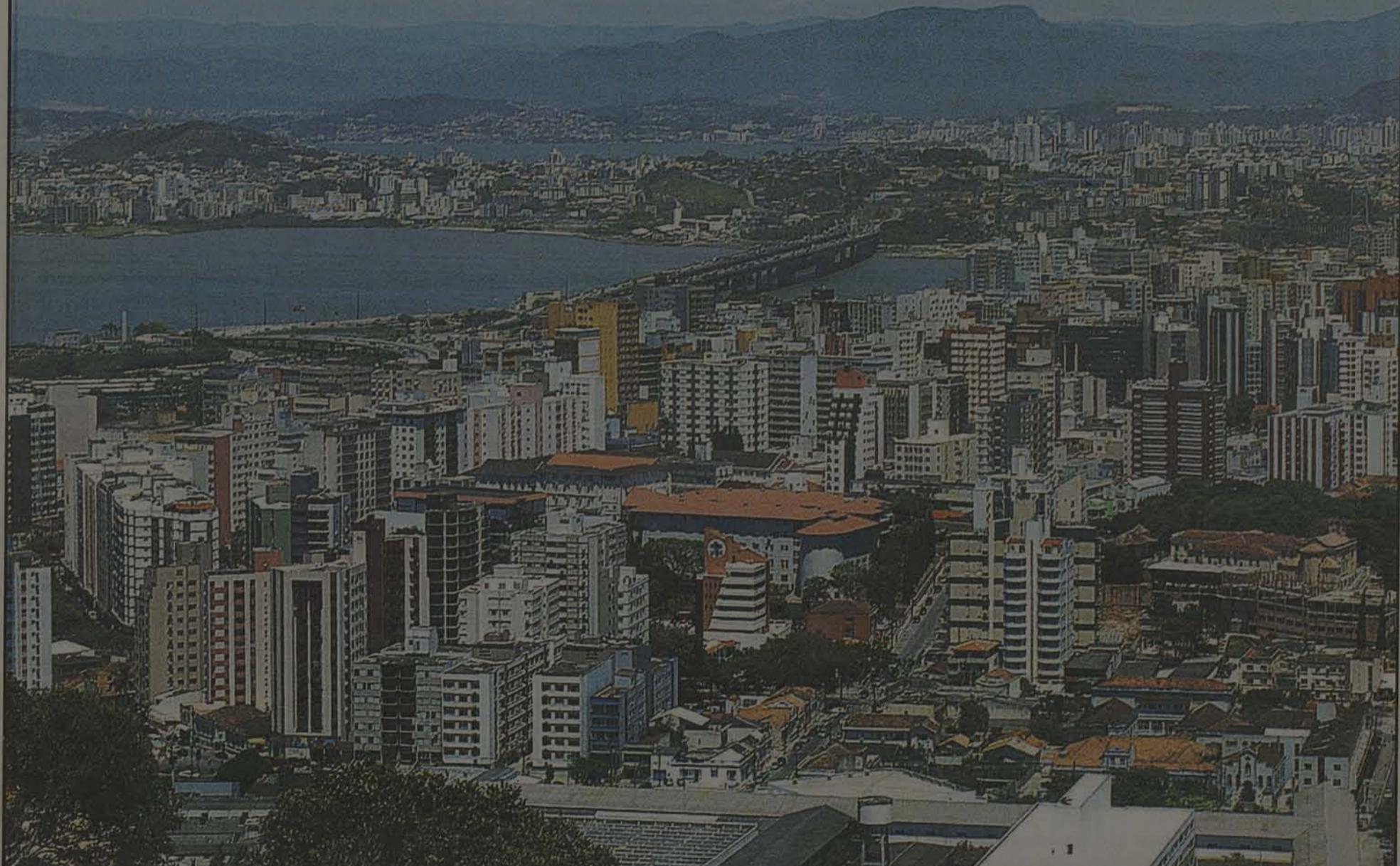
CURSO DE JORNALISMO DA UFSC - FLORIANÓPOLIS, DEZEMBRO DE 2011 - ANO XXX, NÚMERO 4



LEIA PERFIL
NA PÁGINA 11

Com 52,47% dos votos,
Roselane Neckel é a
primeira reitora da UFSC

CAB.
VOT



FLORIPA VISTA DO MORRO

Histórias de vida no Monte Serrat

PÁGINAS 8/9

REPÚBLICA

Cotistas estão se formando

Com Programa de Ações Afirmativas, a diferença entre brancos e pretos na universidade diminuiu em 82%

PÁGINA 12

ZERO ENTREVISTA

O mundo encantado de Eli

Aos 82 anos, a artista plástica exibe um acervo de quase duas mil obras e revela ter compulsão criativa

PÁGINAS 4/5

TENDÊNCIAS

Redes sociais prejudicam

Estudo indica que o rendimento escolar cai quase 20% com o uso de Facebook, Twitter, Orkut...

PÁGINA 15

Quatro edições após as reformas, decolamos rumo aos 30 anos

Final de ano é tempo de balanço, de avaliar realizações, identificar objetivos não alcançados, e redefinir os rumos da vida. Para um jornal laboratório, essa avaliação tem função administrativa e pedagógica. É nessa hora que concluímos um processo longo e detalhado de checagem do que funcionou e do que não deu certo. Fizemos isso a cada número, desde agosto, mas agora é possível lançar um olhar mais geral.

Podemos adiantar que o saldo é positivo. A redistribuição dos conteúdos em novas editoriais tem dado a cada edição mais pluralidade de assuntos, abrangência jornalística e equilíbrio temático. Os ajustes no projeto gráfico estão quase concluídos, de forma a oferecer um visual mais dinâmico

e atraente para a apresentação das reportagens. Nossa preocupação em ampliar o diálogo do jornal com seus leitores está expresso nesta página mesmo: nos *e-mails* e *tweets* que reproduzimos e na coluna do *ombudsman*, que tem nos permitido fazer autocríticas cada vez mais dirigidas para o aperfeiçoamento do *Zero*.

Neste semestre, implementamos um sistema mais eficiente e racional de distribuição, buscamos a autossuficiência na produção de infográficos

e fotografias, e garantimos a periodicidade do jornal. As mudanças foram drásticas e o mérito é da equipe de alunos e alunas e dos monitores das disciplinas (Jornal Laboratório e Edição 2 – foto). À equipe cabem elogios, mas também precisamos reforçar a atenção para alguns aspectos. Os textos podem melhorar, sempre. O jornal precisa oferecer mais reportagens investigativas e enfoques criativos; experimentação, ousadia, bom humor, atitude, sentido de equipe, disposição e curiosidade jornalística precisam nos acompanhar permanentemente.

O *boeing* não chega ao final da viagem, faz apenas uma escala técnica, para troca de tripulação, ajustes para manutenção e limpeza da aeronave. Em março de 2012, prossegue o voo e você é nosso convidado especial. Venha conosco!



Equipe interrompeu o fechamento para o clique

OPINIÃO

ONDE O LEITOR TEM VOZ

"Gostaria de, em nome da Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB), fazer sugestão de pauta a respeito do veganismo/vegetarianismo e direito dos animais!"

Daniel Ribeiro
secretário regional da SVB-Flóripa

"O jornal laboratório Zero mostra que está a serviço dos melhores interesses universitários, que é um difusor de informações importantes, que está conectado com a realidade e, sobretudo, mostra respeito às liberdades. Parabéns a toda a equipe que compõe o Zero"

Roselane Neckel e Lúcia Pacheco
candidatas à reitoria da UFSC

"Gostaria de sugerir ao jornal Zero uma matéria a respeito do movimento escoteiro (...) Nunca vi nenhum veículo de informação, principalmente impresso, fazer alguma matéria com a abordagem educacional que o movimento escoteiro proporciona... Um abraço e sempre alerta!"

Valéria L. Fonseca
uma apaixonada pelo movimento escoteiro

"Parabéns à equipe pela bela edição do jornal laboratório @zeroufsc sobre eleições na UFSC"

Dauro Veras
@dauroveras

"Nova edição do @zeroufsc mantém tradição do melhor jornal laboratório do Brasil. Parabéns aos futuros colegas"

Alessandro Bonassoli
@Alebonassoli

"Lendo jornal Zero, feito por alunos de jorn. da UFSC. Bom trabalho sobre eleição p/ reitor."

Gastão Cassel
@gastaoacassel

PARTICIPE!

Mande críticas, sugestões e comentários
E-mail - zeroufsc@gmail.com
Telefone - (48) 3721-4833
Twitter - @zeroufsc

OMBUDSMAN

RICARDO BARRETO

Zero esnobou Gay Talese

Um *ombudsman* de imprensa mais do que apontar erros, antes de tudo existe para defender os interesses e direitos do leitor (e cidadão) em receber informação atual, crível, ética e de qualidade. Nessa perspectiva e obrigado pela circunstância, abduco do direito de analisar a edição anterior para tratar de grave erro cometido pela redação, pois o impossível aconteceu: vou criticar a ausência, o que o jornal não publicou.

Algumas semanas antes de ser concluída a edição que você lê, foi oferecida para uso uma entrevista exclusiva com Gay Talese, renomado escritor e jornalista americano, um dos pilares do *new journalism* e um dos mais célebres repórteres do mundo nos últimos 50 anos. Material de boa qualidade que nenhum editor sensato recusaria, antes, trataria de publicar com a maior urgência – e com boa empolgação. O inédito é o fato da redação preferir e esnobar um inequívoco furo jornalístico, resultado da ousadia e audácia de uma jovem estudante do curso de Jornalismo, para premiar o previsível, o costumeiro, o provinciano. E aqui, surge também um monumental equívoco pedagógico, tratando-se de um curso de Jornalismo, especialmente o nosso, certamente referência nacional, justamente por sua opção por esta única habilitação, que tratamos com muita seriedade.

O que se ignorou é um primado do jornalismo e essência da noticiabilidade, o da informação nova, fresca e exclusiva. Caso pudesse, como editor, ter um material assim, não hesitaria não só em publicar como dar o espaço mais nobre e fazer muito alarde na capa, pois o que foi oferecido é um diamante e não um brilhante. E, presumo, qualquer editor, especialmente de um jornal laboratório. Lamentavelmente, não foi o que se deu. O que o *Zero* fez foi sonegar, esconder, material de vivo interesse para nosso inegável público-alvo prioritário: estudantes e professores de Jornalismo assim como profissionais. E como não se cria público-alvo por decreto, resta muito curiosa a insólita circunstância.

Pois este jornal já fez esforços, em outros tempos, para entrevistar alguns dos mais importantes repórteres brasileiros. Temos entrevistas longas com José Hamilton Ribeiro, Caco Barcellos, Ricardo Kotscho, Clóvis Rossi, Fernando Moraes, Bob Fernandes, Percival de Souza, Bernardo Kucinski, Lourival Sant'Anna, Luiz Cláudio Cunha, Marcelo Canellas, Maurício Dias, Juca Kfourri e Juca Varella, entre os mais relevantes, que trataram de bastidores da profissão e da reportagem (algo muito caro aos estudantes), além de ácidas abordagens sobre imprensa e os contextos políticos. E surge a chance de publicar, pela primeira vez, um dos repórteres mais importantes do mundo, ícone na profissão e a cúpula nega?! Triste momento, porque tal decisão, míope, contraria tudo que se entende por boa prática jornalística – e mesmo estudantes sabem disso. O episódio traz outra lição: notícia boa não publicada também vira notícia.

Ao assumir esta função jamais imaginei me defrontar com situação tão *nonsense*. Recorri aos editores e nenhuma das justificativas é convincente, lamentavelmente. Seria bom que lembrassem, que nosso primeiro objeto é o jornalismo. E jornalistas, seguem sendo indispensáveis, especialmente na condição de entrevistados.

Jornalista, professor, ex-diretor de redação e um dos criadores do *Zero*. Por 15 anos, Barreto comandou o jornal laboratório e, no ano 30 da publicação, assume como seu primeiro *ombudsman*. Próximo de completar três décadas, o *Zero* assume o desafio de iniciar uma relação mais aberta com seus leitores.

ZERO

JORNAL LABORATÓRIO ZERO Ano XXX - Nº 4 - Dezembro de 2011 **REPORTAGEM** Bianca Enomura, Camila Garcia, Carolina Dantas, Cesar Soto, Daniela Nakamura, Erich Casagrande, Gabrielle Estevans, Gian Kojikovski, Ingrid Fagundes, Isadora Mafra, Jéssica Butzge, Joice Balboa, Luisa Pinheiro, Marlana Chiré, Mariana Della Justina, Marília Labes, Milena Lumini, Monique Nunes, Murilo Bomfim, Paulo Júnior, Rafael Spricigo, Stephanie Pereira, Thayza Meizer, Thiago Moreno, Tullio Kruse, Willian Reis **EDIÇÃO** Cláudia Xavier, Juliana Geller, Verônica Lemus, Vinicius Schmidt **EDITORIAÇÃO** Giovanni Bello, Patrícia Pamplona, Wesley Klimpel **FOTOGRAFIA** Carolina Dantas, Cesar Soto, Giovanni Bello, Milena Lumini, Rafael Spricigo, Stephanie Pereira **FOTO DA CAPA** Giovanni Bello **INFOGRAFIA** Joice Balboa **PROFESSORES-RESPONSÁVEIS** Rogério Christofolotti MTb/SP 25041 e Samuel Lima MTb/SC 00383 **MESTRANDA EM ESTÁGIO DOCÊNCIA** Janara Nicoletti **MONITORIA** Giovanni Bello, Patrícia Pamplona **IMPRESSÃO** Diário Catarinense **TIRAGEM** 5 mil exemplares **DISTRIBUIÇÃO** Nacional **FECHAMENTO** 1º de Dezembro

★
Melhor Jornal Laboratório - 1 Prêmio Foca
Sindicato dos Jornalistas de SC 2000

★
3º melhor Jornal-Laboratório do Brasil
EXPOCOM 1994

★★★★★
Melhor Peça Gráfica Set Universitário / PUC-RS
1988, 1989, 1990, 1991, 1992 e 1998



Mudanças visuais marcam três décadas de histórias

Reinvenções de estilos determinam a identidade do jornal

A primeira edição do jornal laboratório do curso de Jornalismo da UFSC foi concluída em setembro de 1982 numa pequena sala do Departamento. Preocupados em “fazer caber” o conteúdo na página, a equipe coordenada por César Valente, José Gatti e outros professores, lançou o primeiro jornal do tipo em Santa Catarina. As doze páginas da edição foram impressas na editora Mendes, em Brusque, com uma tiragem de três mil exemplares. Em formato tablóide, a capa do primeiro *Zero* foi encabeçada por um logotipo desenhado à mão por Valente. “Não houve uma discussão sobre o formato, como a impressão em tablóide era mais acessível, diagramamos o jornal nesse tamanho. Se fosse *standard*, teríamos uma página maior, com mais espaço para preencher”, justifica Valente.

O que importava, no começo, era que o jornal tinha sido impresso. Valente conta que não havia um cuidado com a parte visual. “Analisando o arquivo do jornal, há muitos problemas gráficos porque na época não dávamos ênfase ao planejamento gráfico. A gente fazia diagramação, não estudava artes gráficas. Nossa maior preocupação era fazer o conteúdo entrar na página. Aos poucos, fomos sentindo a necessidade do jornal ter uma cara”.

Nos primeiros números do *Zero* não havia um padrão gráfico, as fontes variavam pouco, pois eram escassas; usavam-se as três ou quatro que a gráfica disponibilizava.

“Para que o jornal tivesse um visual diferente, a solução era comprar Letraset (fonte de transferência da Mecanorma), com o alfabeto em diversas fontes.”

Os repórteres escreviam a matéria e passavam para a diagramação. O diagramador tinha que dar uma solução para que o título entrasse, do tamanho que fosse, na página junto com a matéria. O jornal era montado numa folha quadriculada (diagrama) e depois enviado para composição. Às vezes, na etapa de composição, o texto estourava, quando isso acontecia se aplicava um velho conceito de edição: o “corte pelo pé”. “Esperava-se que o repórter tivesse deixado o mais importante na primeira parte da matéria, para poder cortar os últimos parágrafos. A pressão no fechamento era fazer caber as matérias nas páginas, não deixar bonito”, observa Valente.



1997: professor Finco testou papel *craft* e formato *standard*

Hexacampeão no SET

Mais mudanças viriam com a contratação do professor Ricardo Barreto, em 1985. Barreto, especialista em planejamento gráfico, começou a coordenar o *Zero* no mesmo ano. “O jornal, que era montado de forma amadora, passou a ter uma organização gráfica. Estabeleceu-se padrões e em cima disso foram criadas algumas coisas”, conta Valente.

A dramatização, por conta do período da ditadura, e o uso de negativo - páginas com fundo preto e as letras brancas - era muito usado pelo novo professor. “É notável a marca dele no jornal, ele gostava de muito *black, black, black*”, recorda. Com o professor Barreto, a tiragem, que antes variava muito dependendo da verba disponível, do preço das gráficas e da distribuição, passou para cinco mil exemplares. E em 1988 o jornal ganhou seu primeiro prêmio: Melhor Peça Gráfica do Set Universitário da PUC-RS. O jornal receberia o mesmo prêmio durante cinco anos seguidos.

Experiência em edições especiais

O professor Henrique Finco não fez muitas mudanças no projeto proposto por Barreto, quando assumiu a coordenação do *Zero*, em 1997. Duas edições específicas tiveram mudanças radicais no planejamento gráfico. “Em uma das edições, não lembro a data nem o número, fizemos o jornal no formato *standard*.”

A outra proposta gráfica foi em formato A3 e um papel mais sofisticado de tipo *craft* (que combina resistência e maciez, de cor parda) em novembro de 1997. A ideia desta edição foi inspirada nos *dazibaos*, jornais murais chineses, e nos *pasquins*, jornais murais da área do Mediterrâneo.

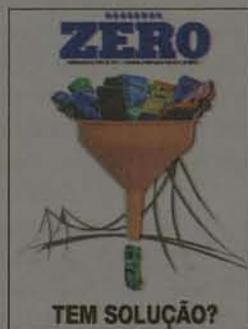
“Ele foi projetado tanto para ser fixado em uma parede, para uma leitura coletiva, que propicia a troca de

novos sentidos, quanto para ser lido individualmente. O *Zero Dazibao* teve que ser rodado em rotoplana, o que é um complicador em termos de custo, mas é excelente em termos de recursos e qualidade gráfica. O papel *craft* foi escolhido devido a sua resistência, e também para marcar uma diferença desta edição em relação às outras”, explica Finco.

Havia também provocação. Em algumas edições, o mapa mundi aparecia como um selo, com o sul voltado para cima. “Era um estranhamento em relação à nossa posição como país periférico, subvertendo as representações que fazem de nós e que também incorporamos. Lembro que muita gente ficou indignada com aquilo: surtiu efeito”, relembra Finco.



93: primeira em cor



2011: toda colorida

Logotipo muda várias vezes ao ano

Antes do logotipo atual, publicado pela primeira vez em dezembro de 1985, já tinham sido testadas cinco opções diferentes. Depois, só em dezembro de 1994, conforme o arquivo da publicação, houve uma mudança sutil no logo do *Zero* especial Bienal coordenado pelo professor Carlos Alberto Adi Vieira.

Em 1996, o logo mudou três vezes e em 1997 outras três. Em 1998, 2000 e 2001 surgiram alguns logos diferentes, mas sempre que Barreto retomava a coordenação sua marca voltava. Pelos exemplares que ainda restam no arquivo são 32 mudanças de cor, sem contar as inúmeras variações de tamanho do atual logotipo.



A edição de agosto de 1993 foi a primeira impressa com cor. Detalhes como fios, títulos, boxes e algumas ilustrações na cor azul davam à capa, central e contracapa uma nova fase. Nas edições seguintes vermelho, amarelo, roxo, verde, laranja e até rosa foram impressos na capa do jornal laboratório. As fotos coloridas aparecem apenas em 1996. A impressão das 16 páginas em cor é muito recente. A primeira edição inteiramente colorida foi a de maio deste ano.

Joice Balboa
joicebalboa@gmail.com





Fotos: Milena Lammim



“Arte é a expulsão dos seres doloridos em grandes quantidades num parto colorido”

Artista plástica é conceituada em todo o mundo, mas guarda obras em seu acervo na Capital

Quem passa pela SC-401, na altura de Santo Antônio de Lisboa, quase não vê à direita um portão de ferro bem vermelho, todo trabalhado com formas de corações e criaturas fantásticas. Atrás daquele portão está o Mundo Ovo de Eli Heil, um museu com quase duas mil obras da artista catarinense, que poderiam muito bem estar agora sendo vistas em Paris ou em Nova Iorque, mas continuam no acervo pessoal dela, em Florianópolis. Entrar no Mundo Ovo é como ingressar num outro país, onde Eli é a rainha e as suas obras são motivo de adoração.

Quando abrem a tranca e permitem a passagem, lá está a artista: uma senhora baixinha, de óculos, cabelos encaracolados, no melhor estilo avó assando biscoitos. O corpo frágil disfarça muito bem a energia que tem de sobra, aos 82 anos. Assim que cumprimenta alguém com um beijo no rosto, não para mais de falar. Foi assim com a reportagem do *Zero*, a quem Eli Heil acompanhou por um passeio de quase três horas pelo Mundo Ovo, sempre com as chaves na mão, abrindo todas as portas.

Foi uma polêmica a derrubada das estátuas de Adão e Eva que ficavam na entrada, para que houvesse a duplicação da rodovia. Como foi?

O mundo inteiro ligou. Foi uma barbaridade! Lutei dois anos para que não acontecesse, mas me taparam muito. Mas não adiantou nada. Foi uma coisa terrível. Em cinco minutos, destruíram. Veio a máquina aqui, eu estava lá dentro, foi televisão...

Então, filmaram?

Ah, mas eu tava na mídia toda a vida! O povo todo, a universidade, eles queriam vir tudo de preto. Todos foram meus amigos. Em uma semana só, duas mil pessoas pararam para assinar um abaixo assinado. O Brasil todo! No Palácio [do governo], já não tinha mais lugar onde colocar as cartas, os ofícios.

A senhora tem algum apoio para manter o Mundo Ovo?

Não tenho ajuda de ninguém. É uma luta pra eu conservar isso aqui, e eu trabalho muito. Vo-

cês não imaginam a quantidade de obras que eu fiz. E não são obras parecidas. São 199 técnicas e tipos de volume que eu já criei até hoje! Tenho 59 anos de asma. Quem não sabe, olha assim e pensa que é fácil. Eu tive que passar pela serpente pra encontrar o mundo maravilhoso. Tive que passar por tudo. Vomitando criações, eu vomitava muito no começo. Convulsões de criações, porque era demais, sabe como é? Minha cabeça era um vulcão. Mancha vivente, eu queria ser mancha vivente, não queria ter esse corpo pra não estar sofrendo. Daí que tem a fase de decomposição, parecia que o meu braço tava pra lá e pra cá. Então, eu digo: Sou artista cuja mente ficou grávida cinco anos para renascer e nascer em borbotões. A arte para mim é a expulsão dos seres contidos, doloridos, em grandes quantidades num parto colorido. Eu faço toda a história.

Essas convulsões artísticas permanecem até hoje?

Não, porque consegui controlar o meu cérebro. Ele não parava. Eu dizia que trabalhava 24 ho-

ras por dia, porque minha cabeça funcionava demais. Um vulcão. Mas depois consegui colocar o cérebro na mão, fazê-lo girar e fazer tudo que eu quero. A hora que eu quero, eu faço. De vez em quando escapa. Mas eu controlo.

E antes da doença, antes de ter essa explosão artística, a senhora já sentia alguma coisa?

Eu nunca tinha visto um quadro de pintura em toda a minha vida. Isso foi quando meu irmão trouxe um quadro de um pintor, nem conhecia pintor nenhum... Olhei e disse: Ah! Mas isso aí eu também faço! Mas sem pretensão alguma, né? Foram as palavras do momento. Eu nem pensava ser artista. Acho que eu tinha um vulcão dentro de mim, espetaram e pluf! Explodiu. Explodiu de uma maneira que não parou mais. Então, o primeiro quadro que eu fiz foi uma galinha e um ovo bem grande. Daí escrevi: A rainha do galinheiro pôs um ovo gigante. Vou fazer uma boa fritada! E daí pronto, foi tudo muito rápido. Com dois anos de pintura eu já tinha sido convidada para expor em Paris. Dois

anos de pintura! Passei vinte e poucos anos sem vender uma obra. Não era para vender, era uma coisa que eu tinha aqui, pra botar para fora mesmo. O meu caso era diferente. Agora, sou obrigada a me desfazer, já fiz um museu. Quer dizer, o museu tem as obras tombadas e tudo. Para ficar.

O que significa ter esse museu?

Eu mesma nem acredito que eu fiz isso tudo, essa barbaridade toda. Uma pessoa simples, fraca, eu não sou muito forte. Quando ouvem Eli Heil, vão na exposição esperando aquela mulherona. Quando me conhecem, aí dizem: Como? Como? Como? Como é que essa mãozinha fez isso tudo? O meu caso já é um caso muito falado, estudado, por críticos de arte, de tudo. Ainda não vi uma pessoa que dissesse: Que coisa horrível! Os críticos de arte não têm um que falou mal de mim. Bem antes, fiquei entre os dez do mundo. É que eu sou uma pessoa que não conta para os outros, que não bota no jornal. Eu digo assim, quanto mais eu subo, mais humilde fico. Que venham as coisas, é claro, a gente fica contente.

A senhora começou pintando?

Não. Primeiro, fiz de lápis de cera. Depois perguntei pro meu irmão como os outros pintores pintavam. Se eles usavam pincel, eu tinha que fazer uma coisa diferente. Tem coisa aqui que eu nem sei mais o que é. Se estivesse tudo exposto, aí é que eu gostaria de ver, sabe? As vezes vêm aqui me visitar pessoas de fora. Embaixadores, princesas, embaixatrizes, e eles me dizem que se eu estivesse em outro lugar esse ia ser o maior museu do mundo. Uma vez uma princesa me disse: Se você morasse no meu lugar, você teria um ordenado, uma quantidade de dinheiro para conservar isso aí e ainda um salário para a senhora. Eu não procuro isso. Eles é que deveriam me procurar! Por tudo que eu já fiz e foi divulgado. Eu já saí em mais de três mil publicações.

Como a senhora gostaria que as pessoas vissem a sua obra?

As crianças, os olhinhos delas brilham, assim. A gente vê que eles gostam. Quando eu atendia crianças de cinco anos, eles faziam uma fila aqui na porta do museu. Quando chegou um rapazinho, depois de ver tudo, disse na frente das crianças todas: Meu Deus do céu! Mas como a dona Eli é linda! Ele não olhou para mim. Porque ele poderia dizer que a dona Eli é velha. Ele olhou a aura. Ele me viu dentro da obra. Todos riram, as crianças. Isso é o que dá a satisfação, né? Meu maior prazer é ver as pessoas olhando as minhas obras. Aí, eu sei que fiz uma coisa que todo mundo fica admirado. Só quem não fica admirado é o bitolado.

O fato de ter sido mãe e mulher aparece nas suas obras também?

Eu acho que aparece, né? Aparece o

amor. Aqui é a minha sala de parto [Eli Heil mostra seu ateliê]. O chão é tudo um painel. Um painel todo trabalhado. Botei isso aqui [referindo-se ao plástico que cobre o piso] porque os homens vão mexer no teto. Quando me deu o AVC [Acidente Vascular Cerebral], eu fiz quase 200 metros de painéis. Faz uns quatro anos, mais ou menos.

Doença, idade, nada disso influencia a sua obra?

Eu não penso na idade. Eu só sinto que o meu corpo não dá pra fazer o que eu quero fazer e o que tem na minha cabeça. O meu cérebro é bem maior. Ele vem me puxando de corda. Mas de um jeitinho ou de outro, vou e faço. Antes de fazer esses painéis, eu cheguei aqui um dia e disse: É, eu acho que não tenho mais resistência. Vou fazer coisas menores. Foi quando deu o AVC e eu

fiz quase 200 metros de painéis. Vocês não acham isso inexplicável? Eu sempre digo, quem não acredita em Deus pode passar aqui que vai passar a acreditar. É incrível o que eu passei para fazer isso tudo. Ali debaixo está tudo cheio. Pois ontem mesmo eu fui mexer ali, nem eu mesmo sabia que eu tinha feito esse quadro!

A senhora se baseia em algum artista, como nesse quadro que parece a arte abstrata do Jackson Pollock?

É um fiozinho de tinta. Esse aí a pessoa olha e diz assim: Parece um fulano de tal... Para lá! Não tem nada a ver com fulano de tal. Porque eles jogam a tinta, né, eles jogam. O meu é diferente, completamente. Não existe ninguém no mundo. Ninguém vai fazer isso, sem a minha técnica não vai fazer. E

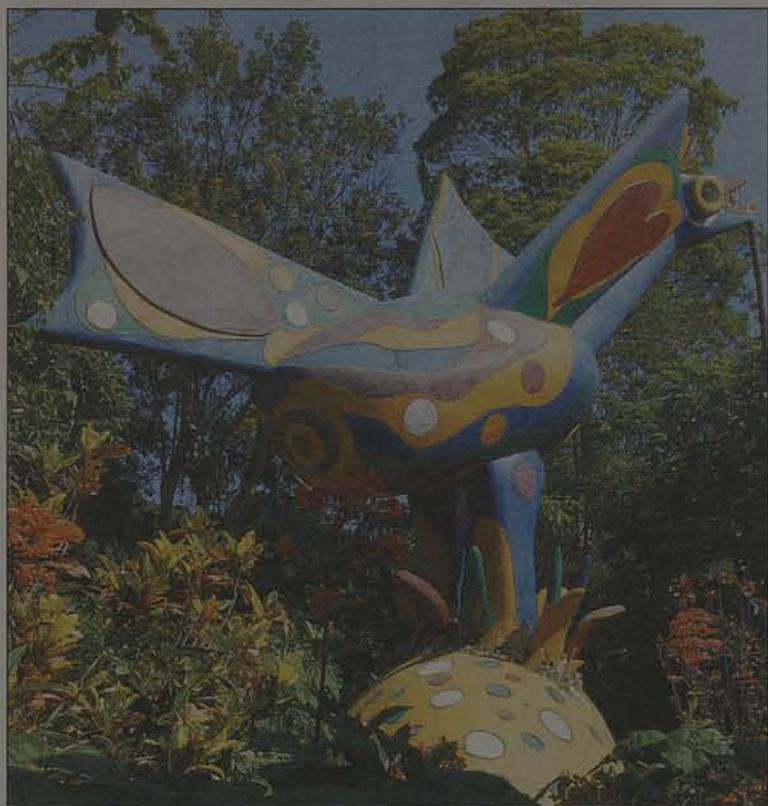
outra, cada fiozinho tem que enxugar para eu colocar o outro fiozinho. Sabe como é? Para não misturar. Não é jogado. Isso aqui é trabalhado. Uma vez, veio um artista do Rio de Janeiro. Um artista importante daqueles que disse: Eli, por favor, já sou seu amigo, me ensina essa técnica? Como é que a senhora faz esses fios? Eu não ensino mesmo. Porque, você sabe, muita coisa que eu fiz, inventei na hora. Até no forno eu já botei quadro. Pra tinta não espalhar, eu boto no forno por pouco tempo. Eu faço tudo. No começo, eu não quis trabalhar com pincel. Mas agora vai tudo, mão, pincel, pé. Uma vez, eu machuquei uma cartolina todinha no pé. Inventava, eu tinha inventado. Ficou ó!

Marília Labes

mariliagold@gmail.com

Thiago Moreno

thiagobmoreno@yahoo.com.br



O Anjo Pássaro foi inspirado em um sonho e mede 5 metros



Eli Heil se orgulha de sua técnica ser única em todo o mundo



Escultura traz Jesus Cristo cercado por animais na Santa Ceia



Coleção pessoal da artista reúne quase 2 mil obras em exposição no museu que fica na SC-401

Diversão de criança é na escola (de samba)

Parceria entre Consulado e grupo comunitário leva cultura e esporte a moradores da Caieira

Um grupo de meninos joga futebol no bem-cuidado campo sintético da Associação dos Empregados da Eletrosul (Elase), um dos clubes mais cotados de Florianópolis. Vestindo o mesmo uniforme - camisa branca, calção azul e chuteiras já gastas -, eles chamam o professor a cada suspeita de falta. No final da partida, reúnem-se e repetem as três regras do técnico: não falar palavrões, não brigar com os colegas e não desrespeitar o treinador. O que acontece caso as normas sejam quebradas? "A gente não pode mais jogar", diz um dos garotos.

Ele e mais 114 crianças e jovens do bairro da Caieira participam do projeto Transformar, uma parceria da escola de samba Consulado e o Grupo de Trabalho Comunitário Catarinense (GTCC). É na quadra da escola que fica a administração desse projeto e do Caieira 21 - programa paralelo - onde são realizadas atividades como a bateria-mirim e as oficinas de mestre-sala e porta-bandeira. "Queremos trazer a cultura para mais perto da comunidade. A todo tempo passamos valores humanos: cidadania, ética, respeito ao próximo", afirma a idealizadora do Caieira 21 e arte-educadora, Graça Carneiro.

Sua fala deixa clara a função pedagógica dessas iniciativas, demonstrada nas três regras do professor de Educação Física Mauricio Lima. Cedido pela Prefeitura de Florianópolis pelo convênio entre o GTCC e a Secretaria da Educação, Lima começou a dar aulas para os meninos do Caieira em fevereiro. Depois de nove meses de trabalho, já percebe uma melhora de comportamento. "A gente tem que estar ciente que a realidade deles é diferente da nossa. A relação com a família, o ambiente onde moram, o envolvimento com as drogas. Eles têm uma malícia que muito adulto não tem."

Quando perguntadas sobre o que fariam se não estivessem ali, dizem em coro: "soltando pipa!". Um ou outro fala "jogando videogame". Nenhuma delas, no entanto, nega a preferência pelo futebol. "A gente jogava em uns becos no morro. Era ruim porque tinha lajota, areia, óleo queimado." Aqui é melhor? O "sim" vem acompanhado de um balançar de cabeças coletivo.



Meninos da bateria-mirim da Protegidos



União da Ilha oferece oficinas de samba



Copa Lord incentiva mestre-sala e porta-bandeira

Trabalho educativo aproxima moradores

A mesma resposta afirmativa é dada pelos jovens do Morro do Mocotó, que participam da oficina de mestre-sala e porta-bandeira da Copa Lord. Isaías Hualisson Cardoso, 13 anos, participa das aulas há dois anos. "Não quero sair daqui nunca. Se não fosse a escola, estaria na comunidade sem fazer nada, vendo televisão. E isso vicia." Quem coordena o projeto é Carlos Alberto de Maia, o "seu" Terri, que tem 46 anos de Copa Lord e foi por dez anos o seu principal mestre-sala. "Estou ensinando o que aprendi nesse período", conta o fundador da escolinha.

Scarlett Sandra de Oliveira, 16 anos, não sabia sambar até o ano passado. Aprendeu a andar de salto, a ter postura e a ser mais responsável, já que não pode faltar nos ensaios. A oficina também mudou a ideia que Willians Yuri Pinto, 14 anos, tinha sobre o futuro. Planejando ser o primeiro mestre-sala da escola, o estudante descobriu que é isso que quer fazer nos próximos anos. A atividade - e seus benefícios - ficam restritos a apenas seis casais de jovens, que podem vir a ser o casal principal da escola.

Mais amplo, o projeto da associação de moradores local em parceria com a Unidos da Coloninha, escola de samba do continente, atende mais



Atividades gratuitas proporcionam oportunidades aos jovens

de 100 crianças e jovens do bairro. A parceria inclui aulas de futebol, de mestre-sala e porta-bandeira e bateria-mirim. A diretora social da associação e ex-presidente da Coloninha, Tânia Ramos, explica que lá o trabalho é educativo e pretende integrar a comunidade à escola de samba durante todo o ano.

Adelir Crispin, 65 anos, conhecida por Tia Nininha, concorda. Na escola

desde 1981, acredita que o processo de preparação para a avenida já é uma forma de unir o bairro. Ela ajuda a costurar as fantasias e percebe que este é um momento em que os moradores se reúnem. Além de promover integração, o projeto afasta os mais jovens das ruas e das drogas. "Mostramos que existem opções e não apenas a do tráfico, da criminalidade", conclui a educadora Graça Carneiro.

Protegidos é a mais antiga da Capital e não tem projetos sociais

A escola de samba mais antiga de Florianópolis é a Protegidos da Princesa. Mas nem os ensaios da agremiação nem a produção de carros alegóricos são realizados no morro do Mocotó, onde a Protegidos surgiu em 1948. Isso faz com que a escola acabe afastada da comunidade.

Edgar da Rosa é um dos diretores e reconhece que a agremiação se expandiu, incluindo pessoas de outras áreas. "Há muito tempo, 90% da Protegidos era de moradores do morro." No entanto, a diversidade não é encarada como algo negativo. "É legal, não fica em um núcleo só."

Outro diretor, Leco Padilha, confirma a importância do trabalho social das escolas. Participar da bateria, por exemplo, ajudaria os jovens a focar seus esforços em algo produtivo. Como a Protegidos não oferece atividades sociais, esse auxílio ficaria restrito às oficinas de bateria.

Sessenta anos mais jovem que a Protegidos, a União da Ilha está em seu terceiro ano de trabalho. Em 1993, um grupo de amigos se juntou para formar uma bateria. A partir dela, surgiu um bloco carnavalesco, que ganhou popularidade e se transformou em escola de samba. Apesar



Iniciativa prepara ritmistas

de ainda não ter um projeto social, a União está construindo laços com a Lagoa da Conceição.

O mestre de bateria, André Cardone, afirma que a criação de projetos promovidos pela União da Ilha é só uma questão de tempo. Um já está a caminho. "Percussão corpo e alma: preparando a comunidade para o carnaval" foi aprovado pela Lei Rouanet e depende da captação de recursos. A iniciativa vai oferecer aulas de percussão, expressão corporal e dança para os jovens de 12 a 18 anos que moram na Lagoa. O projeto poderá ser mais um abre-alas da escola.

Ingrid Fagundez
ingrid.fagundez@gmail.com
Marília Labes
mariliagold@gmail.com

Sítios subaquáticos são escavados no litoral de SC

Arqueólogos recuperam história de navio do século XVII

O pirata inglês Thomas Frins e mais sete tripulantes fugiram do Pacífico a bordo de uma embarcação roubada da coroa espanhola. O barco precisava de reparos, e os homens, de água e comida. Resolveram aportar em Florianópolis, onde acabaram presos e enviados a Santos (SP). Frins prometeu vingança e voltou em 1687, quando matou Francisco Dias Velho, então responsável pela Ilha de Nossa Senhora do Desterro. O que poderia ter ficado apenas no imaginário popular aos poucos tomou forma a cada peça encontrada pelo Projeto de Arqueologia Subaquática (PAS) no naufrágio da praia dos Ingleses.

Os exploradores do projeto acreditam que a embarcação afundada se trata do barco de Thomas Frins. Nela foi en-

contrado um carregamento de botijas, como as que eram levadas pelos piratas. A partir disso, a ONG PAS realizou sua pesquisa em duas etapas: a primeira de reconhecimento e a segunda, aprovada pela Marinha em 2004, de remoção dos objetos, fase que funcionou até 2009. Ao total foram 10 mil peças encontradas e 30 mil fragmentos.

Botijas, pedras de rosário e relógios solares são alguns dos objetos expostos no Museu do Naufrágio, localizado na sede da ONG, no canto direito da praia dos Ingleses, em Florianópolis. Narbal Corrêa, atual presidente do Projeto, diz que a preocupação hoje é recuperar as peças que já foram retiradas. A intenção é construir, a partir do próximo ano, um laboratório para tratar objetos orgânicos, como a madeira do casco, mas o projeto segue sem financiamento.



Museu do Naufrágio, nos Ingleses, abriga peças resgatadas pelos pesquisadores da ONG PAS

Dificuldades retardam pesquisas marinhas

A pesquisa subaquática enfrenta dificuldades na burocracia para conseguir autorizações do governo, além de ser cara e exigir muitos investimentos. O único projeto de resgate subaquático em andamento aprovado pela Marinha é o Projeto Barra Sul que, desde 2006, recebeu 1 milhão e 300 mil reais da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) para explorar os vestígios da nau San Steban, na praia de Naufragados, extremo sul de Florianópolis. A maior parte desse dinheiro é utilizada para aluguel de equipamentos, contratação de mergulhadores e na locação do barco para ir até o sítio arqueológico.

Gabriel Corrêa, primo de Narbal e fundador do projeto, estava fazendo mergulho contemplativo em 2005 quando encontrou uma âncora de quatro metros, diferente das fabricadas atualmente. Enviou uma foto do objeto para técnicos portugueses, que o identificaram como pertencente a um galeão do século XVI. Após conseguir o investimento necessário e a permissão para explorar aquelas águas, os mer-



Âncora achada em mergulho contemplativo iniciou o projeto

gulhadores retiraram do mar duas lâpidas, sendo que uma tem o brasão da Espanha, além de uma pedra em formato triangular, semelhante à localizada em Porto Seguro (BA). Esses vestígios estavam a uma profundidade de 8 a 12 metros, em uma região com baixa visibilidade, o que prejudica o trabalho dos pesquisadores. "É a mesma coisa que escavar em dunas. Você tira a areia e ela volta, há muita correnteza", reclama Corrêa.

A nau San Sebastian foi encontrada em um ponto distante da primeira âncora localizada. Existe a possibilidade

de outros barcos estarem enterrados na mesma região. O sul da ilha era um ponto de reabastecimento de caças, água e madeira para as embarcações que viajavam rumo à Bacia do rio da Prata. De acordo com o levantamento feito pela historiadora Ângela Salvador na pesquisa sobre a percepção do patrimônio cultural subaquático pela comunidade dos Ingleses, ocorreram 46 naufrágios somente em Florianópolis. "A localização exata dessas embarcações não é divulgada para evitar depredações e roubos dos vestígios arqueológicos", ressalta a historiadora.



Especialista critica a lei

A lei que regulamenta a pesquisa do patrimônio subaquático recebe críticas por permitir que mergulhadores sem formação na área recebam a autorização para explorar os sítios. Segundo Ângela Salvador, isso vai contra as recomendações da Unesco: "Toda vez que você escava um sítio, você vai destruí-lo. É preciso documentar tudo o que faz com riqueza de detalhes". A Marinha tem a opção de só aceitar projetos que tenham um arqueólogo-mergulhador, requisito cumprido pelas ONGs. O pagamento de recompensas pela remoção dos

bens de valor artístico, histórico ou arqueológico é outro ponto polêmico. Os objetos pertencem ao Estado, mas o contrato pode prever uma indenização de até 70% do valor das peças. Essa prática também não segue as normas internacionais e pode transformar a pesquisa arqueológica em atividade comercial. Gabriel Corrêa, do Barra Sul, garante que ele e o irmão não receberam nada: "A Marinha e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) fizeram um acordo para não haver essa indenização enquanto a lei não é atualizada".

Passado da Capital está no mar

Naufrágio não é o único tipo de sítio arqueológico embaixo d'água. Existem os sítios santuários e ritualísticos – com oferendas para Iemanjá, por exemplo –, depositários ou de abandono – quando o lixo é encaminhado para o mar – e os terrestres submersos – sítios terrestres que foram encobertos devido ao aumento do nível dos oceanos.

"Florianópolis tem grande potencial em sítios subaquáticos. Por ficar numa ilha, grande parte das atividades ao longo de sua história tem relação com o mar, através da pesca e de portos", contextualiza a historiadora Ângela Salvador.

A arqueóloga do Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e

Arqueologia (GRUPEP) da Unisul de Tubarão (SC), Deisi Farias, destaca a importância do estudo desses vestígios para entender o passado de Santa Catarina, que tem uma tradição costeira: "A pesquisa arqueológica subaquática contribui para entender a história dos primeiros colonizadores, ajuda a entender a movimentação que acontecia na região e que não foi registrada, e também explica a relação entre a população e o mar, a religiosidade e a pesca".

Luisa Pinheiro
luisapsilveira@gmail.com
Mariana Della Justina
marianadellajustina@gmail.com

O morro que a cidade não enxerga

Com trégua na guerra entre traficantes, tranquilidade volta ao Monte Serrat

Dona Nádia e seu Waldir têm uma visão única da queima dos fogos de artifício do Réveillon em Florianópolis. Os turistas que lotam a avenida Beira-Mar Norte nem imaginam que de lá, de cima do Monte Serrat, os moradores conseguem ver a cidade inteira iluminada. Logo abaixo está a rua Crispim Mira, mais adiante a avenida Mauro Ramos e ao fundo as pontes Hercílio Luz, Colombo Salles e Pedro Ivo Campos. A comunidade local enxerga a ilha de um dos seus pontos mais altos.

O pico do Maciço do Morro da Cruz, do qual o Monte Serrat faz parte, tem 292 m de altura. Localiza-se no oeste da Ilha de Santa Catarina e tem 5 km de comprimento e em torno de 800 m de largura. Um maciço é uma junção da crosta terrestre formada por falhas, geralmente após o seu movimento. O termo também serve para se referir a um grupo de montanhas formadas por esse acidente geográfico, como acontece em Florianópolis.

Bem mais embaixo, atrás de uma pequena igreja amarela, encontra-se a casa do padre Vilson Groh, um líder comunitário da região. Suas acomodações são simples: uma sala apertada, uma mesa onde já tomou café com várias personalidades políticas da

cidade, uma cozinha sem muito espaço e uma biblioteca que ocupa uma das paredes. Os temas dos livros abrangem de Teologia a Ciência Política, passando por Psicologia, Pedagogia e Filosofia. Parecem ser a coisa mais valiosa ali dentro.

Vilson Groh é coordenador geral dos projetos sociais incorporados ao Centro Cultural Escrava Anastácia e dedicou sua vida ao apoio a comunidades carentes de Florianópolis. É com propriedade que ele destaca: "Estamos naturalizando a pobreza." Para quem discordar, ele afirma e reafirma que a violência não desce do morro, que a maior parte da violência da cidade não é causada por moradores das comunidades carentes.

Os visitantes e moradores que passeiam pelos caminhos e ruas do Monte Serrat, em um sábado à tarde ou mesmo na noite de uma terça-feira, realmente tem dificuldades de ver ali algum indício da guerra entre traficantes que se travava havia alguns anos. As mulheres saem às ruas para pintar seus

cabelos e fazer tranças, enquanto alguns meninos usam o novo calçamento para jogar bola e em vários pontos sente-se o cheiro do churrasco com cerveja. Embora logo ao lado estejam os Morros do Mocotó e o Caieiras, considerados pelos cidadãos locais como lugares ainda muito perigosos, são poucas as preocupações com segurança por ali. Leninha, dona do único brechó da região, acredita que, pela fé em Deus, a vida ali tem melhorado muito.

O pintor aposentado e ex-presidente do conselho comunitário seu Teco já tem uma explicação mais terrena para a calmaria. De acordo com ele, houve uma trégua entre traficantes, que decidiram se unir para se fortalecer. Foram fincadas três bandeiras brancas no morro, simbolizando a adesão de cada grupo e, desde então, a violência tem diminuído. Apenas uma facção continua desvinculada. São essas as visões de quem olha Florianópolis de cima, dali onde se enxerga a Crispim Mira, a Avenida Mauro Ramos e as pontes ao fundo.

Para Groh, a maior parte da violência na Capital não vem das comunidades



O Maciço do Morro da Cruz já teve paisagens verdes que escondiam as poucas casas de alvenaria que existiam na década de 1950



Do alto do Monte Serrat, a vista da cidade é privilegiada: contempla-se o mar, o continente e ruas do centro de Florianópolis

“Lutamos muito por isso”, orgulha-se seu Teco

Por cima do telhado da casa de um dos seus seis filhos, João Ferreira dos Santos, 75 anos, observa a cidade tomada pelo que ele chama de elefantes brancos. São condomínios residenciais, apartamentos de luxo e prédios abarrotados de salas comerciais aqui e ali, atrapalhando sua vista. Seu Teco, que nem sabe o porquê do apelido, ainda se lembra da época quando a paisagem verde conseguia esconder as poucas casas de concreto. "As pessoas vão para a Europa e ficam falando dos casarões e das imagens, mas não preservam o próprio quintal", observa.

Na década de 50, quando a construção civil começou a se expandir na capital, ele assistiu à chegada das famílias dos pedreiros e mestres de obra que vinham de Biguaçu e Governador Celso Ramos atrás de bons empregos. Como as habitações no antigo Morro da Caixa eram baratas e localizadas

perto do centro, muitos apostaram na região. Iniciava assim o crescimento das comunidades do que hoje forma o Maciço do Morro da Cruz. Quase 60 anos se passaram e grande parte dos filhos daqueles homens são atuais moradores do local.

Os pais de Teco eram nativos, "de sangue azul", como ele mesmo gosta de descrever. Nasceu, cresceu e viveu toda a vida no morro. As pessoas lhe reconhecem e cumprimentam quando ele caminha pelas ruas estreitas e íngremes da sua área. Tanto tempo andando e conversando com os habitantes de Monte Serrat lhe rendeu, além de muita re-

sistência física, um conhecimento privilegiado do bairro. Ele foi o terceiro presidente do conselho comunitário, onde atuou até 2005.

Para falar das conquistas sociais do morro, sua frase favorita é "nós brigamos muito por isso". Lutaram muito para implantar o projeto do Maciço, para conquistar o calçamento da área do Pastinho, pela reforma das encostas e continuam batalhando por melhorias estruturais.

Agora, ele reivindica na Prefeitura a construção de uma lombada em uma curva perigosa, ao lado da Escola Estadual Lucia Livramento Mayvorne. Carlos Cardoso, o Tonho, dono da mercearia em

frente ao colégio, reclama da falta de segurança: "Não tem um dia aqui em que não aconteça de uma criança ser quase atropelada. O cara vem muito rápido e não consegue ver o que tem depois da curva."

Apesar de todas as reivindicações, Teco é uma pessoa calma. Só se irrita quando ouve criminalizarem o lugar que tanto adora. "Quando alguém me fala que o morro é que causa a violência, eu peço que a pessoa olhe para dentro de casa. Querida que um desses pais seguisse seu filho e visse o que ele faz com o carro novo que ganhou. Você acha mesmo que um semi-analfabeto daqui vai até a fronteira comprar droga? O cara traz a droga pra cá e faz um acordo com o pessoal daqui para vender. Ai um começa a brigar com o outro por causa de ponto de venda e os dois da favela acabam se matando", explica.



O ponto mais alto do conjunto de montanhas tem 292 m de altura

Vendedora espera ajuda do governo

Claúdes Conceição Fernandes, 51 anos, conhecida como Leninha, parou na janela do Brechó Jeová Nissi para observar a vista. Ela tem uma paisagem similar a de seu Teco. Estava arrumando a confusão de roupas doadas dentro da sua loja. Tudo o que vende, recebeu dos moradores de Monte Serrat. É evangélica e acredita na ajuda de Jesus para o sucesso do seu estabelecimento.

Ela começou em um dos cômodos da casa da mãe. Não pôde se aposentar porque não tinha tempo suficiente de trabalho com carteira assinada e decidiu abrir uma pequena loja de roupas com o que lhe era doado. Isso já faz uns 12 anos. Hoje, mostra orgulhosa o arquivado em que anota o nome e quanto lhe devem os mais de 200 clientes.

"Vocês tem que dizer que eu estou arrumando!", pede preocupada com a foto tirada da bagunça dentro da loja. São quatro cômodos lotados de calças, camisas, camisetas,

bermudas, bolsas e sapatos, tudo a dois, três, dez reais. Agora ela quer expandir, abrir um comércio de novos e usados, mas reclama da falta de espaço: "Se a prefeitura me ajudasse, eu queria aumentar isso aqui."

Ela, em coro com seu Teco, reclama que o governo não aceita dar o material da obra para eles construírem. Só aceitaram fazer a obra completa e demoram muito para terminar. Se pudessem ter acesso aos tijolos e às sacas de cimento, os próprios moradores reformariam suas casas. A maioria deles é ou já foi trabalhador da construção civil. "Mas Jesus vai me ajudar. Me deu tudo até agora e eu vou continuar pedindo para ele ajudar!", reza Leninha, esperançosa.



Claúdes quer aumentar o tamanho da loja



Os turistas que visitam a Ilha não imaginam que lá do alto os moradores podem ver, por exemplo, a cidade inteira iluminada

Idoso cadeirante passa meses sem sair de casa

Apesar da bela vista, do contato com a natureza, e da vizinhança amigável que tem no morro, Waldir Martins, 65 anos, não pode sair de casa. Os prazeres da bebida e da folia o deixaram com o lado esquerdo do corpo paralisado. Sem poder andar e com apenas 30% de um rim - já perdeu o outro órgão - ele garante: "Se eu pudesse voltar atrás, eu bebia tudo de novo, festava até mais porque eu já saberia que um dia iria ficar nessa cadeira de rodas e não iria mais poder fazer nada daquilo." A visão das luzes da cidade agora é privilégio de sua mulher, Nádia Martins, que de vez em quando sai na varanda para dar bananas aos saúgis que aparecem pelas árvores.

Casados há 22 anos, eles têm oito filhos, mas só três vivem por perto. Moram com eles, além dos dois, uma filha que está quase se mudando para o Kobrasol com o noivo e uma neta. Eles

construíram a estrutura da moradia sozinhos, ela entrando com o dinheiro de doméstica e ele com a mão-de-obra. Nada muito luxuoso, mas tudo bem acabado. Quem entra pode dar na cozinha ou direto na sala de estar. A primeira porta no corredor é o quarto dele, mais na frente fica o banheiro e a sacada liga os quartos da filha e de Nádia.

Na fachada externa, toda pintada de verde claro, a infiltração e a umidade destroem a pintura. Uma tristeza para quem foi pintor por mais de trinta anos. Seu Waldir afirma ter ajudado a pintar a Catedral Metropolitana e a UFSC quando era mais moço. Antes teve uma rápida passagem como policial, mas a vida boêmia foi mais forte. A pintura era mais fácil, não precisava de carteira assinada e ele podia falar quando quisesse. Por isso, hoje vive sem aposentadoria. Os dois se mantêm

com os R\$ 524,00 que a mulher recebe do governo e os bicos que ela mesma faz de vez em quando.

Depois que ele teve os quatro acidentes vasculares cerebrais no último ano, é ela quem cuida da casa. A maior parte dos sete filhos, 26 netos e três bisnetos moram longe, e também não têm muito para lhe ajudar. O que mais lhe salva do aperto no fim do mês são os trabalhos que ela consegue na casa das suas "filhas adotivas". Desde 1999 ela trabalha como babá e diarista para Isabel Campos Elias Pinto da Luz, mãe biológica das meninas Maria Letícia e Maria Eugênia.

Apesar de todos os problemas, eles não querem sair de Monte Serrat. A casa de seu Waldir e dona Nádia fica no meio de uma escadaria enorme que corta um atalho entre a rua General Vieira da Rosa e a servidão Ayrton Senna. Por causa da cadeira, ele



Brechó tem quatro cômodos fica meses sem sair de casa e, quando precisa sair, tem de ser carregado até a rua mais próxima, onde um carro o espera. Já que fica muito tempo em casa, ele poderia passar o tempo aproveitando a vista que tem lá de cima se não fosse por um único problema: as noites na farrá de seu Waldir o deixaram quase cego.

Carolina Dantas dazevedo.carolina@gmail.com
Thiago Moreno thiagobmoreno@yahoo.com.br

Na Udesc, chapa da situação é eleita com 63% dos votos

Heron de Sousa teve mais apoio em centros do interior

Eleita em outubro, a chapa Inovar e Avançar, composta por Antonio Heronaldo de Sousa, como reitor, e Marcus Tomasi, como vice, toma posse em abril do ano que vem. Eles assumem a gestão da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) pelos próximos quatro anos com apoio de professores, servidores e alunos, expresso nos 63,3% dos votos recebidos.

Heron, como é conhecido o novo reitor, é doutor em Eletrônica e Comunicações pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e atua na Udesc desde 1992. Seu último cargo administrativo foi como vice-reitor da atual gestão. O vice Tomasi – graduado e doutorando em Administração pela Udesc – está na instituição desde 2005 e foi pró-reitor de Planejamento na gestão em curso.

O desempenho nas urnas mostra a aceitação por professores, técnicos e alunos especialmente nos centros de Ciências Tecnológicas (CCT) e de Ciências Agroveterinárias (CAV), os dois maiores colégios eleitorais docentes. Em Florianópolis, sede de cinco centros de ensino, a votação foi mais equilibrada. A Udesc Plural, chapa da oposição, ganhou entre professores e alunos no Centro de Artes da Udesc (Ceart) e no Centro de Ciências Humanas e da Educação (Faed).

Em entrevista ao portal do Ceart, o diretor do centro, Milton Leal, observa a recorrência de gestores oriundos do campus de Joinville. “Pela terceira vez consecutiva, nas últimas eleições, temos um candidato eleito do CCT”.

Para alguns, essa constatação traz a preocupação com a priorização de certos centros em detrimento de outros. Thiago Turini, aluno da 5ª fase de Administra-



Professor atua na universidade desde 1992

ção Empresarial, acredita que isso é natural. “Sempre vai existir um favorecido, e, pelo que tudo indica, é possível que desta vez seja o CCT. Mas espero que os outros não sejam esquecidos.”

Alunos pedem condições de permanência

Para Emmanuel Costa, aluno da 8ª fase de Geografia, a universidade atingiu um nível de excelência acadêmica reconhecido nacionalmente na última gestão, através do incentivo à pesquisa e extensão e da criação de bolsas e convênios. “Particpei de eventos acadêmicos pelo país e, na minha opinião, a Udesc tem uma das melhores administrações de recursos do Brasil”.

A expectativa da comunidade acadêmica também gira em torno das políticas de permanência estudantil. Nelson Roberto da Silveira Filho, que cursa Engenharia Civil no campus de Joinville, afirma que o restaurante universitário faz falta. “A lanchonete daqui só serve prato feito, a um custo de R\$ 6. Ainda que seja barato, se comparado com outros preços, seria ótimo ter uma opção mais acessível”.



Vice, Tomasi era pró-reitor

O Restaurante Universitário (RU) também é reivindicação antiga no campus do Itacorubi. Entre 2008 e 2009, houve manifestações quinzenais, com piqueniques no hall da reitoria, chamando atenção à causa. Na capital, o projeto de RU está em processo licitatório, e de acordo com

o novo reitor, as obras começam em 2012. Em Joinville, o restaurante foi fechado no início de 2010 e, após a licitação, as obras devem ser concluídas até junho.

A aplicação das políticas de permanência começou na gestão atual, da qual Heron foi vice-reitor. Foram distribuídas 117 bolsas de auxílio permanência no valor de R\$ 250 para alunos em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Para que esse auxílio chegue a mais alunos, uma das propostas é buscar a ampliação de recursos através de mecanismos como o Fundo Social do BNDES.

Bianca Enomura
bianca.enomura@gmail.com
Isadora Mafra
mafra.isadora@gmail.com

Para Álvaro Prata, greve foi o pior momento

Reitor da UFSC avalia sua gestão

Acadeira do mais alto cargo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) será ocupada por um novo reitor a partir de maio do próximo ano. Enquanto a data não chega, Álvaro Toubes Prata, o reitor em exercício, caminha para a reta final do mandato. Ao avaliar sua gestão até o momento, Prata diz que o resultado é positivo e uma de suas conquistas foi modernizar a instituição: “A UFSC era muito tradicional, convencional. Ela tem de estar à frente de seu tempo.” Mas estar no comando de uma das melhores universidades do país tem também seus percalços.

Do início de junho ao final de setembro, Prata enfrentou a greve dos servidores técnicos-administrativos na universidade. Para ele, foi o momento mais delicado da gestão. “A greve paralisou o Restaurante Universitário (RU) e a biblioteca, prejudicando os alunos, o que levou o movimento dos estudantes a tomarem o prédio da reitoria. Após muita conversa, eles desocuparam, mas foi uma fase difícil”, confessa. Apesar da situação crítica, diz compreender a importância das manifestações estudantis: “Eles sempre foram parceiros da instituição nas cobranças, nos mantiveram muito atentos a isso.”

Quando assumiu a reitoria em 2008, Prata herdou da gestão anterior o processo de implantação de uma nova diretriz para a universidade: o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni). “Tivemos a felicidade de estar em um momento em que a educação era particularmente valorizada pelo governo Lula através de muitos recursos passados à instituição. Nós herdamos muito alegremente o projeto Reuni”, afirma.

Na UFSC, o plano para o período de 2008 a 2012 prevê, por exemplo, a abertura de 31 novos cursos de graduação em Florianópolis e nos campi de Araranguá, Curitibanos e Joinville. Com isso, o número de cursos passará dos atuais 53 para 84. As matrículas também serão ampliadas em cerca de 11 mil, chegando a 31.116 ao final de 2012. Das obras de infraestrutura do Reuni, as principais são a ala recém-inaugurada do RU e o

bloco A da Moradia Estudantil, cuja previsão de entrega era outubro de 2011. “Eu estou fazendo força pra essa obra sair. Mas ainda esse ano vai ser concluída”, garante o reitor.

Celso Martins, um dos coordenadores-gerais do Sindicato dos Trabalhadores da Universidade Federal de Santa Catarina (Sintufsc), prefere não avaliar a gestão de Prata. Ele alega que só poderia se manifestar após assembleia da categoria em que se buscaria uma opinião consensual. Apesar disso, destaca o apoio do reitor à recente greve e a retirada dos pontos eletrônicos para os funcionários técnicos-administrativos.

O presidente do Sindicato dos Professores das Universidades Federais de Santa Catarina (Apufsc-Sindical), Carlos Mussi, diz que está há apenas um ano no cargo e não tem condições de avaliar a administração atual. Entretanto, afirma que é boa a relação entre sindicato e reitoria. “Não tivemos nenhum embate nesse período. O Prata se mostrou muito participativo e aliado”, observa.

Para Tito Pereira, um dos diretores do Diretório Central de Estudantes (DCE), os avanços da UFSC nos últimos quatro anos são visíveis, mas há questões fundamentais que precisam ser trabalhadas. “O projeto de universidade como agente fundamental no desenvolvimento da nação e como pólo de produção de conhecimento e inovação tecnológica avançou pouco. A UFSC, por exemplo, teve apenas uma patente registrada nos últimos dez anos”, explica.

Assim como herdou o Reuni no início do mandato, Prata prevê que a nova reitoria também precisará trabalhar com a continuidade de algumas ações desenvolvidas em sua administração. Para a próxima gestão, o reitor acredita que a complexidade da universidade seja o grande desafio: “Não é uma universidade que existe só em Florianópolis, está em mais de nove localidades. Essa diversidade oferece um grande desafio administrativo e organizacional, e penso que essa tem de ser uma grande preocupação da nova reitoria.”

Gabrielle Estevans
gabrielleestevans@hotmail.com
Willian dos Reis
wreis_lg@hotmail.com

Reitora não para de andar

Um perfil de Roselane Neckel, grande vencedora na UFSC

Sentada em uma das cadeiras próximas à porta, em seu pequeno comitê eleitoral, Roselane Neckel ri de um texto que lê em voz alta. Chama-se os "Sete mitos" e contém tópicos com os boatos sobre sua candidatura à reitoria da UFSC. Elaborada pelo grupo estudantil que apoia sua chapa, a lista dos boatos recolhidos traz itens como "Vai abandonar o CTC", que surpreendem e divertem a candidata. "Gente, olha isso!", ela repete.

Naquela manhã, às vésperas da eleição, Roselane (como é chamada pelos professores) chegou à universidade às 9 horas, depois de uma sessão de acupuntura de rotina. Vestia um terninho preto sobre uma blusa amarelo-mostarda, traje que usaria até às 19h30, no último compromisso eleitoral. Nos pés, sapatilhas para aguentar o constante vai-e-vem.

Roselane é uma mulher imersa em história. Na sua própria, na dos outros e nas que a cercam. A primeira começou há 44 anos, quando nasceu em Florianópolis. Filha de agricultores de Santo Amaro da Imperatriz, foi registrada naquele município rural. Sua família se mudou para São José em 1974, quando o pai veio lecionar no Instituto Estadual de Educação (IEE).

Na época, a menina estudava na escola municipal Francisco Tolentino, para depois, em 1978, ir para o Colégio de Aplicação da UFSC. Cresceu e desenvolveu o que seus amigos e conhecidos apontam como uma grande capacidade de diálogo, ponto bastante difundido durante a sua campanha. Mas, isso não é tudo. Há um mundo de percepções sobre ela, fala-se muito sobre Roselane Neckel.

No comitê, realiza tarefas simultaneamente. Enquanto prepara a pauta para a reunião, que aconteceria em instantes, responde às perguntas dos partidários, com voz baixa e firme. Apesar da tranquilidade aparente, fica séria ao resolver assuntos da eleição. Características que, como explica a professora do curso de História e colega da candidata Joana Maria Pedro não lhe são estranhas: "É uma pessoa empenhada. Vai e faz quando tem que

fazer".

Ao iniciar a reunião, um dos apoiadores se diz preocupado com a postura defensiva da chapa, que estaria se concentrando muito em responder às agressões dos concorrentes. Pouco antes, a candidata à vice-reitora, Lúcia Pacheco, já havia mencionado as reações da oposição. "No CTC [Centro Tecnológico da UFSC], por exemplo, há um certo preconceito com a esquerda. Há uma dificuldade de aceitar o pensamento crítico", analisa.

A primeira mulher a se tornar reitora da UFSC sai do comitê acompanhada do servidor do Departamento de Automação e Sistemas (DAS) Waldoir Valentin e do coordenador administrativo do CTC, Eugênio Gonçalves. O trio planeja andar pela universidade para falar com funcionários e alunos e, com alguma sorte, conseguir novos eleitores. A caminho do setor onde ficam os motoristas, encontra com uma cor-religionária que deseja boa sorte. "O homem acha que já ganhou", brinca a mulher. "Vamos fazer a diferença", responde a candidata.

Sempre precedidas de um "Bom dia! Tudo bem?", apresenta-se para cada pessoa, falando sobre a sua carreira e candidatura. Depois da explicação, usa, geralmente, uma analogia como "a porta foi aberta, agora temos que abri-la toda".

Ao se encaminhar para o setor de alvenaria, ela se vira e diz às repórteres do Zero: "Vocês vão ver a realidade dessa universidade. Setores essenciais estão abandonados". A fala é eloquente, de impacto e parece ter um quê de emoção e revolta.

No entanto, para o estudante de Engenharia de Produção e partidário do rival Paraná, Alex Ali, ouvir as pessoas e identificar os problemas que as incomodam não é suficiente para eleger uma candidata. "A chapa dá muito diagnóstico e pouca solução. Falta mais ação", critica. A aluna de Nutrição e também partidária de Paraná, Juliana de Andrade, concorda: "Não a vejo como reitora. Não parece preparada, não tem história política".

O pai da candidata e professor aposentado de Educação Física, Willibaldo José Neckel, pensa diferente: "Durante a faculdade, ela já começou a ter um envolvimento político", e passou em

História na primeira tentativa. Para o pai, o resultado do vestibular foi consequência da aplicação da menina nos estudos. "Sempre fui meio durão nesse aspecto. Exigia um boletim correto". Ele recorda que a filha foi uma adolescente tranquila, que respeitava os horários impostos em casa.

Depois da faculdade, Roselane fez mestrado e doutorado em História do Brasil na PUC/SP. Em 1996, tornou-se professora do Departamento de História da UFSC, e como docente, participou de algumas greves. O seu apoio a uma dessas manifestações surpreendeu sua professora do Colégio de Aplicação, Maria Elza: "Quando a vi em cima de um caminhão, falando daquele jeito, me apovorei", confessa. Ela diz não se lembrar muito de Roselane, mas aponta algumas diferenças com a candidata a vice-reitora: "Não sei se o jeito das duas combina, são muito diferentes. A Lúcia era uma pessoa excepcional. Calma, cordata. Roselane era mais agitada, muito radical".

Caminhando há quase três horas, a futura reitora chega ao Departamento de Engenharia Civil e se depara com um prédio sem elevador. Dois lances de escada depois, se apóia no corrimão e reclama da estrutura do prédio, que apresentava rachaduras nas paredes. "E isso que é da engenharia civil, hein!", observa.

Na saída, as repórteres perguntam se a candidata está cansada. "Não", responde sucinta. Logo complementa: "Meu corpo pode estar cansado, mas minha vontade de conhecer os problemas das pessoas é maior". Terminadas as visitas matutinas, é hora do almoço. Sem ter tomado café da manhã, Roselane está com fome e tem apenas vinte minutos até o próximo compromisso. Decide ir ao restaurante Mirantes, localizado em frente ao CTC. No caminho, fala sobre suas preferências culinárias: é amante de massas. Apesar de manezinha, não come frutos do mar por causa da intolerância ao iodo. Ela serve em seu prato uma porção de maionese, uma fatia de tomate, um pedaço pequeno de bife e três batatas soubé. Come em sete minutos, enquanto liga para o comitê.

Roselane levanta da mesa, deixa uma nota de dez reais para pagar a sua refeição e sai correndo. Coberta de olhares amigáveis ou não, ela não cansa de caminhar...

Ingrid Fagundez
ingrid.fagundez@gmail.com
Joice Balboa
joicebalboa@gmail.com



A candidata com sua vice, Lúcia Pacheco, antes de votar



No dia de sua formatura em História na UFSC, em 1988



Com pai, Willibaldo, mãe, Maria Salete, e as duas irmãs



Juventude: cabelos longos

Leia também um perfil do candidato derrotado Carlos Alberto Justo da Silva, o Paraná, e a cobertura completa da eleição para reitoria da UFSC no Zero Convergência: www.zeroconvergencia.ufsc.br

Primeiros cotistas concluem a graduação

Ações afirmativas completam quatro anos na UFSC com projetos de auxílio e permanência

Em dezembro deste ano, 22 cursos da UFSC – os de duração mínima de quatro anos – passarão pelo primeiro semestre possível de formatura de estudantes cotistas. Na graduação em Educação Física, por exemplo, juntando-se Licenciatura e Bacharelado, quatro dos 11 alunos que entraram na Universidade pelo Programa de Ações Afirmativas (PAA) têm formatura prevista para o final do ano. No curso de Pedagogia o número aumenta: oito das nove cotistas ingressantes no primeiro semestre de 2008 devem se formar. Esta será a segunda vez que a UFSC forma alunos do PAA: em julho, cinco dos 11 cotistas ingressantes se formaram no curso de Farmácia, de três anos e meio de duração, todos oriundos de escolas públicas.

O PAA, aprovado em 2007 e implantado no vestibular para 2008, reserva 20% das vagas de cada curso para estudantes oriundos de escolas públicas, 10% para negros - que inclui pretos e pardos (preferencialmente vindos de instituições públicas de ensino) - e vagas suplementares para indígenas. Além de facilitar o acesso desses grupos à universidade, a Resolução Normativa do programa também prevê o acompanhamento e a permanência do aluno na universidade por meio de apoio acadêmico e ampliação dos programas de assistência.

Apoio pedagógico estimula alunos

Juliana Carlos e Souza, 25 anos, é uma das formandas em Educação Física. cursou o ensino fundamental e médio em escola pública até o último ano, quando ganhou uma bolsa para estudar em um colégio particular. Ela entrou na UFSC através das cotas para negros. "A criação das cotas de certa forma foi um incentivo até para que eu prestasse o vestibular. Acho um sistema justo. Quem estuda em um bom colégio particular acaba tendo mais chances. Eu sou a única que vai ter um curso superior entre os meus 60 primos", diz Souza e lembra da irmã, que no ensino médio passa por greves e trocas constantes de professores. No entanto, para ela, as cotas representam uma solução a ser usada a curto prazo: "Até que a questão social no Brasil se equilibre".

Os programas de assistência estudantil financeira foram essenciais para que Souza conseguisse finalizar a graduação no tempo mínimo de quatro anos. Entre os benefícios reservados aos estudantes de baixa renda, conseguiu a bolsa-permanência, a isenção no Restaurante Universitário e até uma bolsa para estudar francês durante um semestre no curso extracurricular do Centro de Comunicação e Expressão. Durante a graduação, Souza foi informada sobre as aulas de apoio pedagógico, mas não teve necessidade de aderir.

Essas aulas surgiram no segundo semestre de 2009, quando os coordenadores de cursos de graduação relataram que os alunos egressos de escola pública tinham mais dificuldade em acompanhar algumas disciplinas por não terem aprendido o conteúdo



Pré-vestibular: 64% de aprovação

básico do ensino médio. As aulas de matemática, português e interpretação de texto e inglês são as mais procuradas. Também são oferecidas aulas de biologia, física e química. A preferência das vagas é para alunos de escola pública, mas outros alunos podem participar caso haja vagas remanescentes.

Os professores que ministram as aulas de reforço vêm de outro projeto que, antes da criação das cotas, já buscava auxiliar pessoas de baixa renda: o Pré-Vestibular da UFSC. Criado em 2003 com 120 alunos, terminou com 117 e um índice de 14% de aprovação. Em 2010 eram dois mil alunos e o índice de aprovação foi de 64%.

Desde que começou a faculdade, Souza nunca se sentiu discriminada na UFSC. "Lembro que no primeiro semestre aconteciam debates mais acalorados sobre o tema, gente dizendo que era contra, expondo seus motivos. Eram apenas discussões. Com o tempo isso foi acabando. Acho que hoje as pessoas entendem e aceitam mais", reflete a formanda. "A gente está vivendo uma outra universidade, onde a diversidade está latente. Precisamos aprender a trabalhá-la", alerta a supervisora dos programas de inclusão Corina Martins Espíndola.



Juliana Carlos e Souza, 25, é a única entre os seus 60 primos que vai ter um curso superior

Diferença entre brancos e pretos diminuiu em 82%

Os resultados do primeiro estudo sobre o acesso de estudantes de escola pública e negros à UFSC foi apresentado ao Conselho Universitário pelo coordenador do Programa de Ações Afirmativas Marcelo Tragtemberg, no dia 22 de novembro. As mudanças foram significativas. Antes do programa, havia 88 brancos para cada preto na universidade e 10 brancos para cada pardo. Agora, a relação é de 16 brancos para cada preto e seis para cada pardo. O percentual de alunos de escola pública também aumentou de 25% para 39%. Os números demonstram que o programa tem atingido o seu objetivo de aumentar o percentual de negros e egressos do ensino público na universidade.

A reserva de vagas para alunos negros começou a ser discutida em 2002, quando o Grupo de Trabalho da Apufsc passou a estudar o perfil dos alunos da universidade. A pesquisa evidenciou uma discrepância entre o número de negros na universidade

em relação à população do estado, o que levou à formação de uma comissão para elaborar uma proposta de Programa de Ações Afirmativas.

No ano que vem, o Conselho Universitário fará uma reavaliação do programa e votará a sua continuidade. Em abril, também deve ser apresentada a segunda parte do estudo sobre os primeiros cotistas. Os dados se referem à permanência desses alunos na universidade e incluem as taxas de evasão, notas e reprovações. Um estudo preliminar apresentado em 2010 demonstrou que a evasão dos estudantes cotistas era menor do que a de outros graduandos: 11% entre os negros, 13% entre os alunos de escola pública e 17% entre os outros.

Após quatro anos da implantação do PAA, o coordenador do programa, Marcelo Tragtemberg acredita que ainda há vários pontos para evoluir. "O primeiro quesito que deve ser revisto é a aquisição de dados, que ainda tem muitos problemas. Parti-

cularmente na parte de assistência estudantil. Tudo que diz respeito à PRAE [Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis] não tem sistema de quantificação", analisa Tragtemberg. Outro ponto de atenção são os programas de assistência, que não são suficientes para atender a toda a demanda.

Por outro lado, a comunidade tem aceitado melhor o programa. No primeiro ano das ações afirmativas, 94 processos foram movidos contra a UFSC. Entre os argumentos estavam desde alunos que teriam passado no vestibular, caso não houvesse cotas, até alunos que tiveram bolsa em escolas privadas durante parte do ensino médio e requisitavam concorrer pelas vagas de ensino público. Em 2010 foram abertos dez processos.

Murilo Bomfim
muriloblbraga@gmail.com
Milena Lumini
mi.lumini@gmail.com

Fundações de apoio buscam transparência

Após investigação do MP e constantes fiscalizações, instituições prometem se adequar à lei

O atual superintendente da Fundação de Amparo à Pesquisa e Extensão Universitária (Fapeu), Pedro da Costa Araújo, justifica: "O que não pode ser mostrado, não pode ser feito". Ele se refere à política de transparência, adotada pela instituição nos últimos três anos. Hoje, existem outras três fundações de apoio na UFSC: a de Ensino de Engenharia de Santa Catarina (Feesc), a de Estudos e Pesquisas Socioeconômicas (Fepese) e a José Arthur Boiteux (Funjab). Diferente de como era no passado, essas instituições são obrigadas a prestar contas de suas atividades a cada dois anos ao Conselho Universitário. Além disso, frequentemente são auditadas pela Controladoria Geral da União (CGU) e pelo Ministério Público, sem contar o controle da própria universidade e dos órgãos financiadores. Tudo isso para limitar as possibilidades de fraude.

Essas fundações adequaram-se à legislação depois de constantes fiscalizações de órgãos do governo. Até 2009, por exemplo, cursos de pós-graduação eram aprovados pelos departamentos como programas de extensão, o que é ilegal, como foi apontado pelo Ministério Público. Hoje, estas atividades têm um longo caminho até serem habilitadas. Para oferecer qualquer curso de especialização, o professor faz um plano de trabalho que precisa passar pelo seu departamento, Conselho de Unidade e Pró-Reitoria de Pós-Graduação, para só depois seguir à apreciação da Câ-

mara de Pós-graduação da UFSC. As fundações de apoio são contratadas para administrar o dinheiro envolvido em cada um desses projetos, pagando os professores, fornecendo material e providenciando salas de aula adequadas. Para isso, cobram entre 5% e 15% do valor do curso.

A legislação prevê a possibilidade das especializações serem pagas. Isso acontece porque elas não são oferecidas regularmente pela universidade e, assim, não há previsão dos custos de tais projetos. Para o professor Carlos Henrique Soares, expresidente da Associação dos Professores da UFSC (Apufsc), existem problemas com algumas atividades: "Se você pegar as fundações, tem cursos que são regulares, oferecidos todos os anos. Ninguém bola um curso, dá uma vez e some com ele".

Soares questiona também o oferecimento de aulas pela própria fundação, sem ligação com a UFSC. É o caso do curso de revisão de textos da Fapeu, que aconteceu no primeiro semestre de 2011. A atividade foi aberta à comunidade, mediante pagamento de inscrição, e ministrada por uma professora aposentada da universidade nas salas da fundação. "Uma fundação de apoio não pode ter atividade-fim. Dar curso é atividade-fim", afirma Soares. "Se você, amanhã, montar uma entidade e disser que vai dar um curso, você tem que passar pelo MEC. Você tem que fazer um registro, pedir autorização de funcionamento para poder dá-lo, porque você passa a ser uma instituição de ensino."

Professores driblam exclusividade

Em 2005, após denúncias de que a Feesc contratava funcionários que não recebiam garantias trabalhistas e usava o nome da UFSC de forma ilegal para oferecer cursos de especialização, dois analistas da Controladoria Geral da União (CGU) investigaram todos os projetos da fundação relacionados ao Laboratório de Ensino à Distância (LED). Uma das irregularidades encontradas foi o desrespeito à lei federal que regula os regimes de dedicação à universidade. Professores que não po-

deriam exercer atividade remunerada fora da instituição eram pagos para dar aulas, sem a devida permissão.

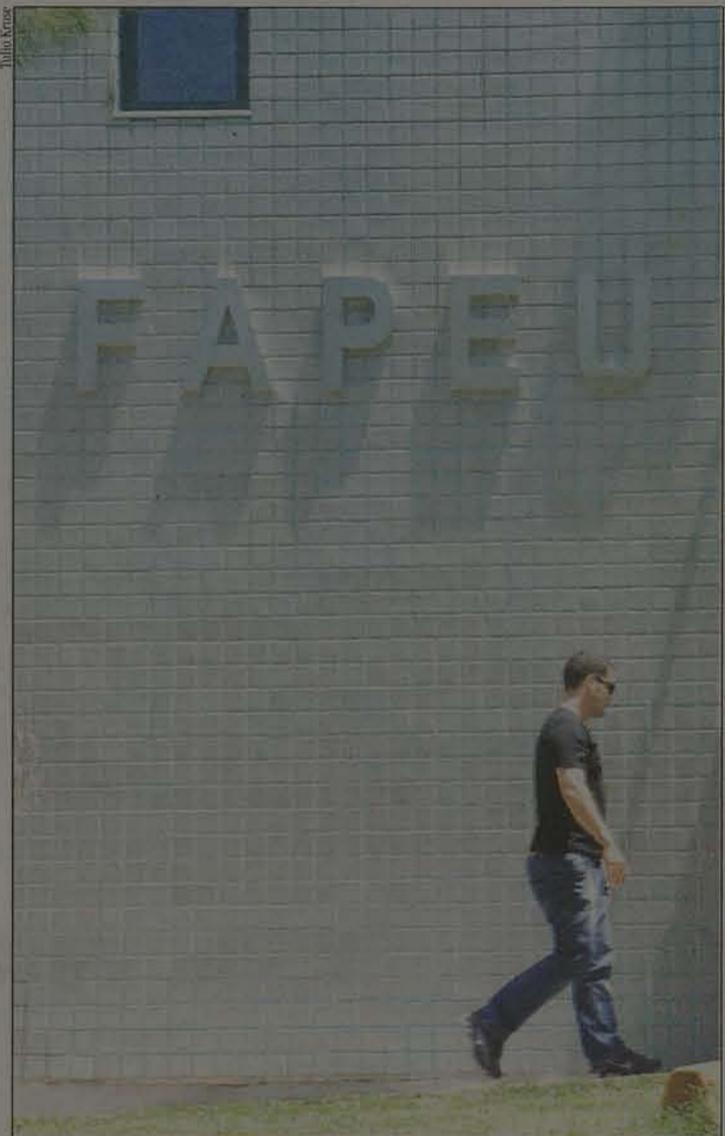
O regime de dedicação exclusiva foi criado para que o professor desenvolva seu trabalho científico apenas dentro da universidade. Assim, se evita que ele tenha outro emprego no mercado e utilize a estrutura pública para fins que não interessam à sociedade. O presidente da Fepese, Guilherme Julio da Silva, pensa diferente: "Acho a dedicação exclusiva uma escravidão".

Para ele, os professores deveriam ser autorizados a prestar serviços para outros empregadores, desde que dedicassem suas 40 horas semanais à UFSC. Nessa condição, porém, eles não são totalmente impedidos de prestar serviços. Podem exercer trabalhos de "colaboração esporádica, remunerada ou não, em assuntos de sua especialidade e devidamente autorizada pela instituição", de acordo com a lei federal que trata dos regimes de trabalho no magistério.

CGU denuncia pagamentos irregulares

Em dezembro de 2005, um relatório da CGU apontou problemas como contratação de empresas fantasmas em nome de funcionários da Feesc e da própria Universidade, pessoas trabalhando para a fundação sem vínculo formal, contratação de professores em dedicação exclusiva sem liberação dos respectivos departamentos e criação de cursos ilegais de pós-graduação utilizando o nome da universidade. Funcionários que trabalhavam em um projeto da Feesc no Laboratório de Ensino à Distância (LED), sem vínculo empregatício, recebiam mensalmente envelopes com dinheiro em espécie pelos serviços prestados. A fundação foi alvo de ações trabalhistas em função da irregularidade e, a partir de 2003, transferiu a responsabilidade do pagamento desses direitos à UFSC. Como a universidade começou a ser processada,

a CGU apurou o que estava acontecendo. A investigação chegou à conclusão de que, como garantia de pagamento dos processos que a entidade privada havia perdido, equipamentos públicos - de propriedade da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), do Ministério da Ciência e Tecnologia e da própria UFSC - estavam sendo penhorados pela fundação. O relatório verificou que tanto Fapeu quanto Feesc realizaram pagamentos a empresas registradas em endereços inexistentes ou que não correspondiam ao informado à Junta Comercial do Estado. Algumas dessas empresas pertenciam a professores, funcionários de fundações ou seus parentes. Empresas que não tiveram sua idoneidade ou existência comprovada pela CGU receberam mais de R\$ 2,4 milhões entre os anos de 1998 e 2005.



Relatório da CGU apontou repasse a empresas fantasmas

Fepese critica burocracia rígida

"Rapaz, fiscalização aqui é o que não falta", reclama o presidente da Feesc, Guilherme Julio da Silva. Essas manifestações se tornaram recorrentes após as intervenções, uma vez que, agora, os órgãos de controle fiscalizam, com relativa assiduidade, as fundações. Antes, a CGU, por exemplo, auditava a prestação de contas da UFSC inteira, mas tinha pouco acesso às fundações. Agora, aquele órgão pode trabalhar diretamente com cada unidade de apoio, sempre que achar necessário.

O cuidado é tanto que as próprias fundações se preocupam em contratar uma auditora externa para cuidar das suas contas e impedir furos. Para o professor Silva, a fiscalização excessiva acaba atrapalhando. "Costumo dizer que o controle venceu, porque você, quando age, não está mais preocupado com o objetivo da instituição. Você está preocupado com o que é que a fiscalização vai achar sobre aquilo. Então você acaba direcionando seu esforço não para a finalidade, mas para as coisas-acessórias".

Mesmo com essas dificuldades, o presidente da Fepese garante que as fundações são necessárias para o funcionamento das universidades públicas. "Elas não vivem sem as fundações. No Brasil inteiro. Sem fundações a universidade não tem jeito de gerir. E eu costumo dizer que a administração universitária é um elefante, com excesso de peso, velho, e para você dar um passo, põe esforço nisso. Então as fundações ajudam a realizar uma série de coisas."

As fundações de apoio atuam em projetos da UFSC que tem período determinado para começar e terminar. O financiamento pode vir de entes governamentais ou privados. Ao contrário da universidade, as fundações não precisam realizar concursos para contratar funcionários, o que supostamente serve para acelerar o desenvolvimento dos projetos.

Gian Kojikovski
gian.kojikovski@gmail.com
Tulio Kruse
tulio.km@gmail.com



Para Náide Azevedo, 21 anos, as aulas de dança do ventre aumentam durante temporada

Trabalho temporário é fonte rápida de dinheiro

Atividades no verão complementam renda universitária

Quando tinha cinco anos, a estudante de Educação Física da UFSC Náide Scharodosim de Azevedo ficou encantada com a dança das ciganas da novela Explode Coração, exibida pela Rede Globo. Agora, aos 21 anos, além de estudar, ela é bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET), dá aulas de dança do ventre no projeto de extensão do Centro de Desportos (CDS) da UFSC e faz apresentações desse gênero em festas temáticas e casamentos.

De dezembro de 2011 a março de 2012, a universitária dará aulas de dança do ventre em dois hotéis na Praia dos Ingleses, em Florianópolis. O salário será R\$ 900 e vale-alimentação. Na última temporada, ela também trabalhou: deu aulas de recreação infantil, adulta, dança de salão, forró, samba e hidroginástica em uma associação na Praia de Jurerê. Trabalhava quatro horas por dia, recebendo R\$ 700 mensais e vale-transporte. "No curso não temos muito contato com crianças. Essa experiência de trabalhar com os pequenos em outro ambiente é muito válida", destaca.

A empresa que contratou Azevedo ofereceu, nesta temporada, nove vagas para estudantes de Educação Física ou Artes. Os salários variam de R\$ 600 a R\$ 1.500 por mês e a carga horária é de duas a oito horas diárias.

Em dezembro do ano passado, a estudante de Farmácia da UFSC Priscila Pereira, 22 anos, deixou currículos em cinco estabelecimentos do Shopping Iguatemi. Foi chamada para uma entrevista e saiu contratada para o cargo de vendedora da loja, onde trabalhou até o início de fevereiro de 2011. O objetivo era juntar dinheiro para fazer uma viagem para Natal (RN).

Pereira trabalhava de domingo a domingo, das 15h45 às 22h, com uma folga na semana e recebia R\$ 643 por mês; com direito a comissão de 0,8% sobre as vendas e vale-transporte. "Aprendi a lidar com o público, perdi um pouco da vergonha e me tornei mais ágil. Perto do Natal, chegava a atender quatro pessoas ao mesmo tempo", lembra.

Nesta temporada, a estudante trabalhará como vendedora numa loja de roupas do mesmo shopping – de dezembro até o final de fevereiro de 2012. O expediente é de domingo a domingo, das 13h45 às 22h. O salário será de R\$ 1059; além de comissão, vale-transporte e alimentação. Desta vez, a meta da estudante é fazer um tratamento estético.

Paulo Júnior
paulovitorio_junior@hotmail.com
Thayza Melzer
melzer.th@gmail.com

Ser apto e organizado faz a diferença

Um currículo com informações corretas é fundamental para quem quer um emprego de temporada. Além de dados pessoais e de contato, grau de formação e vaga pretendida, o candidato deve montar um histórico com trabalhos anteriores com a data de início e fim, listados do mais recente para o mais antigo, ensina Cleire Xavier, gerente de uma agência de consultoria em Recursos Humanos de Florianópolis. Números de documentos não entram no currículo. Sobre

a foto, Xavier destaca: "Se colocar foto tem que ser aquela 3x4 igual a da carteira de identidade". Xavier aponta ainda que a falta de experiência na função que deseja desempenhar não é problema. Ela destaca que o empregador considera mais importante aptidão para a tarefa e disponibilidade de horários. Como a demanda é maior que o número de interessados, alguns critérios exigidos pelo estabelecimento podem ser negociados.

Setor de aviação cresce e aumenta vagas para piloto

Faltam comandantes nas companhias

São 6h15 e o sol ainda se esconde entre algumas nuvens no horizonte, enquanto Luiz Gustavo Pinto, de 28 anos, aguarda, sem nenhum sinal que denuncie sono, o início da sua oitava aula prática de pilotagem de avião. O instrutor Ítalo Miguel de Carvalho chega logo em seguida na sede da escola de pilotos, próxima ao aeroporto internacional Hercílio Luz, em Florianópolis. Em dois anos, o aluno terá a carteira de piloto comercial, poderá iniciar carreira para depois comandar um dos jatos que rompiam o céu naquela manhã.

O sonho de ser piloto ganhou nova propulsão com o crescimento da aviação nacional nos últimos anos. Segundo a Agência Nacional da Aviação Civil (Anac), a oferta de assentos disponíveis em 2011 aumentou 13,8% em relação ao mesmo período (janeiro/setembro) de 2010. Já o número de passageiros cresceu 18,5%, elevando a ocupação dos aviões em dois pontos percentuais que representam cerca 9,4 milhões a mais de pessoas voando no país. O número total de passageiros para os primeiros nove meses de 2011 supera em 25 milhões o total do ano de 2005.

Com o crescimento do setor, a carreira de piloto comercial decolou. Porém, devido ao processo de formação e a necessidade de horas-voos de experiência há pouca oferta desse profissional no mercado. A companhia Azul, que obteve o maior aumento na participação de mercado no último ano, de 6,5% para 9,2%, pretende contratar cerca de 250 pilotos nos próximos quatro anos. "Sei de empresas que cancelaram voos e deixaram a aeronave parada devido à falta de comandante disponível", revela o co-piloto Matheus Ghisleni.

Custo é alto, mas salário compensa

Um curso de piloto comercial custa entre R\$ 75 a R\$ 80 mil, mas apesar do alto valor, a empregabilidade é quase certa. Eduardo Faraco, comandante de linha aérea comercial e um dos fundadores da escola de pilotos Floripa Flight Training, concorda que o custo para se tornar um piloto é alto. "A maioria dos colegas que conheço teve dificuldades para se tornar piloto, mas é preciso persistência", assegura Faraco.

As aulas práticas pesam no bolso. Cada hora custa, em média, R\$ 250

e pode variar de acordo com a escola ou aeroclube. Para tirar a carteira de piloto comercial são necessárias 150 horas de voo (só aqui, um investimento de R\$ 37,5 mil). Por outro lado, o prazer da profissão e o salário depois de formado são atraentes. "Com taxi-áreo e instrução pode-se receber até R\$ 3 mil no início da carreira. Depois, com mais horas de voo, em uma companhia área, os salários variam entre R\$ 4,5 e R\$ 6 mil. Como comandante, o piloto recebe cerca de R\$ 10 a R\$ 12 mil", detalha Faraco que se formou há 11 anos.

No caminho entre a escola de voo e o aeroporto, Pinto conta que o sonho surgiu ao escutar os aviões na região de Guarulhos, em São Paulo, onde nasceu. "A ideia de se tornar piloto se consolidou por volta dos meus 16 anos, mas só agora consegui adequar condições financeiras para realizar o curso", lembra ele que atualmente trabalha como bancário. Enquanto tira a

Bolsa da Anac paga 75% das aulas práticas

capa de proteção do Cessna 152, modelo de avião usado pela escola para as aulas de instrução, o aluno sorri e acrescenta: "esse barulho é o

que me encanta" quando um Boeing 737 pousa na pista. O aluno Gabriel Marques, 18 anos, começou a investir cedo na profissão e pretende pagar as aulas com a economia criada pela sua família destinadas às despesas da universidade. A alternativa encontrada por Jacques Saul, 24 anos, foi conseguir uma das 213 bolsas de estudos oferecidas pela Anac em 2011, que arcaram com 75% das aulas práticas de piloto privado.

Erich Casagrande
erichbrasil@hotmail.it



Sites de relacionamento prejudicam aproveitamento, mas são úteis para trocar informação

Redes sociais atrapalham desempenho acadêmico

Definir um foco nas atividades cotidianas é essencial

Com 800 milhões de usuários ativos no mundo - 30 milhões só no Brasil - o Facebook tem sido objeto de estudos por conta do impacto e da influência na vida de seus usuários. Paul Kirschner, pesquisador da Open University na Holanda, entrevistou 219 universitários americanos, para discutir como a rede social pode afetar o desempenho acadêmico.

No estudo, a consequência de usar a rede social simultaneamente a outras atividades resultou em um desempenho quase 20% menor entre os usuários conectados. A pesquisa também concluiu que usuários do Facebook estudaram menos horas por semana: entre uma e cinco, enquanto não usuários disseram estudar entre 11 e 15 horas.

O trabalho de Kirschner ajuda a refletir sobre o que

acontece na vida de muitos universitários brasileiros. Renata Duarte Borja, aluna de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) fica conectada em média 15 horas por dia e alterna todas as suas atividades no computador com as visualizações frequentes no Face. "Não deixo de estudar porque fico muito tempo no Facebook ou Twitter, mas tenho consciência de que meu desempenho poderia ser melhor se quando fosse estudar não permanecesse conectada às redes sociais", admite.

Alunos que usam Facebook rendem até 20% menos

Borja usa o Facebook assiduamente há um ano. Ela revela que o atraso na entrega de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é uma consequência direta disso: "Eu tinha condições de finalizar no prazo, mas não o priorizei e acabei gastando tempo demais na internet".

Quem não usa, não vê diferenças

Para Hugo Pigozzo, estudante de Engenharia de Materiais, as redes sociais não influenciam sua rotina. Ele não é usuário de nenhuma delas e confessa que não sente falta em manter um relacionamento virtual com as pessoas. Encontrar dicas e orientações para viagens é a única vantagem que vê nesses sites. "Além de não gostar, acho que as pessoas se expõem demais contando sobre sua intimidade, seus desejos, suas atividades. Internet pra mim serve para trocar e-mails e fazer pesquisas."

Quando compara seu desempenho no curso com colegas que sempre estão conectados, ele não vê uma diferença significativa nas notas, mas acredita conseguir dedicar mais tempo para estudar e garantir, por

consequência, um rendimento um pouco acima do que os colegas usuários. Pigozzo tenta manter o foco naquilo que precisa ser feito e não sai navegando de forma descontínua e sem objetivo

A aluna Fernanda Faust Gouveia, da Engenharia Civil da UFSC fica cerca de oito horas por dia no Facebook. Ela nota que quando está conectada o rendimento cai pela metade. "Um texto que eu lia em uma hora



Fernanda se divide entre livros e bate-papo

acabo demorando duas para ler; tenho certeza que isso é porque eu me distraio muito com o bate-papo e atualizações do Face. É por isso que sempre estou me policiando durante os estudos para evitar que a internet me tire a concentração."

Uma coisa de cada vez

O estudo apontou prejuízo ao rendimento dos universitários e, a partir disso, questiona teorias atuais de que o cérebro do jovem moderno, moldado pela era digital, estaria adaptado a processar simultaneamente canais múltiplos de informação, desenvolvendo a capacidade de multitarefa. "Os seres humanos não são realmente capazes de realizar várias atividades ao mesmo tempo, mas pode, na melhor das hipóteses, mudar rapidamente de uma atividade para outra. Entretanto, a realização de tarefas em série leva a resultados mais pobres de aprendizagem em estudantes", analisa o pesquisador Kirschner. "Quando alguém está estudando na internet e ao mesmo tempo usa as redes sociais, sempre terá perda de informação, isso porque o cérebro não é capaz de processar várias tarefas simultaneamente", garante Emílio Takase, professor e psicólogo do esporte e exercício da UFSC. Isso ocorre porque nosso cérebro está programado a realizar tarefas de forma linear, ou seja, uma coisa de cada vez. Takase acredita que é possível reverter essa situação por meio de uma educação digital que ensine o cérebro a realizar atividades de forma alternada. "Acredito que o avanço da tecnologia colaborará para que isso seja possível." Kirschner não considera possível que uma educação orientada para tecnologia digital, desde o nascimento, possa desenvolver processos que façam o homem se tornar multitarefa no futuro, "a menos que se espere cerca de meio milhão de anos ou mais para que a própria seleção natural possa mudar a anatomia e a fisiologia do cérebro".



Renata fica online 15 horas diárias, mas alterna estudo e lazer

Internet diminui tensão dos alunos

"Se usado na medida certa, de forma que o aluno não perca a concentração e o foco, fazer intervalos de descanso usando as redes sociais, pode sim ser uma ferramenta eficaz de relaxamento", acredita Dulce Márcia Cruz, professora de Educação e Mídias no Centro de Educação da UFSC. A estudante Fernanda Gouveia concorda: "Quando estou conversando com os amigos a hora de estudar parece que fica mais leve, diminui a tensão do momento."

Além do benefício do relaxamento, o psicólogo Takase destaca a importância do Facebook na questão do compartilhamento de informações, já que é possível aprender e conhecer diversos assuntos de forma instantânea. Cruz acredita que as redes sociais podem colaborar nos estudos quando o usuário sabe aproveitar os aplicativos

e as ferramentas que elas oferecem, como por exemplo, dispositivos que auxiliam os trabalhos acadêmicos e grupos de estudo onde o aluno possa resolver exercícios, solucionar dúvidas.

Para Cruz, é muito difícil afirmar qual é o real alcance das redes sociais, já que essa tecnologia ainda é muito recente. Pelo mesmo motivo, é complicado determinar se é possível ou não que crianças e jovens desenvolvam a capacidade de se tornarem efetivamente multitarefa. "O problema não está em alguém ser multitarefa, e sim em não saber hierarquizar e organizar suas atividades. Sobre as redes sociais e o desempenho acadêmico, acho que não é o Facebook o problema e sim como você o usa."

Mariana Chiré
chiremariana@gmail.com

Álcool leva jovens da euforia à hipoglicemia

Universitários bebem em busca de socialização, mas esquecem os efeitos adversos da droga

Acordei em um lugar que não era minha casa, e não fazia ideia de como tinha chegado lá”, confessa o estudante de Educação Física Caue Raminelli, 22. Ele mesmo constata que a amnésia se deu por excesso de cerveja e caipirinha em uma festa no dia anterior. Provavelmente você tenha se identificado com essa cena ou conheça amigos que também passaram pelo esquecimento acompanhado de ressaca. Embora o álcool seja geralmente associado à euforia, na realidade ele é uma droga depressora do sistema nervoso central: diminui a atividade cerebral como um todo. A empolgação é apenas uma fase dos efeitos do álcool.

Nas duas primeiras horas do Linguição da Automação, festa promovida pelo curso de Engenharia de Controle e Automação da UFSC, já havia duas garotas deitadas nos colchões da enfermaria por terem exagerado no consumo de tequila.

Uma estava cercada pelo próprio vômito. “No começo de festa, vêm pra cá as meninas que não estão acostumadas a beber; à noite chegam os homens”, relata Marcos Laelton, médico responsável pela equipe socorrista contratada pela organização da festa.

Quando um conhecido sofre a chamada “perda total”, o comum é que ele seja levado ao hospital. A emergência do Hospital Universitário atende o maior número de ocorrências deste caráter nos finais de semana. “Quando pessoas que abusaram do álcool chegam aqui, são trata-

dos como qualquer outro paciente. O atendimento é feito de acordo com as prioridades. Se a ocorrência mais grave é para uma paciente grávida, por exemplo, o bêbado, assim como os demais, vai ter que esperar”, conta Angela Maria Xavier, auxiliar administrativa.

O médico especialista em dependência química Tadeu Lemos explica que as mulheres são mais sensíveis ao álcool por terem maior proporção de tecido adiposo no corpo do que os homens. Como a droga é uma substância que se dissolve em gordura, a absorção se dá rapidamente, mas com liberação de elementos tóxicos de forma contínua e lenta no organismo. Lemos também ressalta que pessoas acostumadas a beber se tornam mais tolerantes aos efeitos do álcool. É o caso do estudante de Arquitetura da Unesc William Vefago, 19, que começou a beber com 14 anos. “Na primeira vez que bebi, fui parar no hospital. No entanto hoje,

se me alimento bem, só vou ficar alegre depois de oito latas de cerveja”.

O psicólogo Leandro Benedet acredita que a principal motivação para os jovens tomarem o primeiro gole de bebida alcoólica é a procura pela própria identidade. “Os jovens bebem porque estão em busca de socialização, de testar regras e encontrar seu lugar no mundo.”

A absorção se dá rapidamente, mas a liberação dos elementos tóxicos é contínua e lenta

Misturar bebida não é o problema

“Eu só costumo ter ressaca quando misturo bebida”, diz o estudante de Biologia da UFSC Leandro Castro, que tomava o quinto copo de vodka no Linguição. Segundo o médico Lemos, a ciência ainda não comprovou que misturar bebidas de diferentes graduações alcoólicas piore a situação. O que importa é a sua quantidade no sangue: “Se alguém está bebendo cerveja, por exemplo, e também bebe vinho, que tem teor alcoólico maior, sua concentração no sangue vai aumentar, e isso é que determina o mal-estar”, esclarece o especialista.

A ressaca não faz parte das experiências de Bárbara Conte, estudante de Publicidade e Propaganda da ESPM, em São Paulo. O máximo que já sentiu foi uma alteração de humor, quando tomou um pouco de vinho em casa: “Eu chorava e ria ao mesmo tempo, e depois dormia”. Para Priscila Machado, estudante de Administração da UFSC, não é preciso dose alguma de álcool para se divertir. “Acho que beber é questão de costume ou influência. Eu não sinto falta. Ao menos sempre tem alguém pra cuidar dos amigos, né?”, brinca.

Alimentar-se bem, evitando comidas gordurosas, é um dos fatores

que diminuem a absorção do álcool pelo organismo. O nível de glicose no sangue é outro fator importante para que o indivíduo não sinta mal-estar ou fique bêbado rápido. “Mas não adianta dar chocolate para alguém que parou de beber há uma hora, por exemplo. Nesse caso, o corpo já absorveu quase todo o álcool ingerido”, destaca Lemos. Fazer atividade física também ajuda a abaixar o nível de concentração da droga no sangue, já que acelera o metabolismo e as toxinas podem ser eliminadas pelo suor.

Para quem toma muitas doses de uma vez só, o conselho é ir com calma. Beber devagar impede uma concentração elevada de álcool no organismo. O indicador de que se está passando do limite é o desejo constante de urinar - uma tentativa do corpo de eliminar as toxinas. A principal delas é o acetaldeído, resultado da quebra do álcool. Com o excesso no sangue, as enzimas que fariam a quebra do acetaldeído não dão conta de tanto trabalho e a toxina se acumula, resultando na ressaca.

Daniela Nakamura
nakamura.dani@gmail.com
Stephanie Pereira
stephanie.idn@gmail.com



1° estágio:
(primeiros goles)
Sensação de relaxamento, diminuição da ansiedade (efeito ansiolítico)

2° estágio (CAS: 30mg% ~1 a 2 latas de cerveja):
Desinibição comportamental - Sensação de euforia, “ficar alegriinho”. O álcool bloqueia neurotransmissores de inibição, que representam o “freio” do organismo. É a fase da excitação, da empolgação



3° estágio (CAS: 50 a 100 mg% ~3 latas de cerveja):
Efeito sedativo e anestésico - fala enrolada, alteração de equilíbrio, dificuldade de executar movimentos, diminuição da tonicidade muscular

4° estágio (CAS: 150 a 300 mg% - de 4 a 6 latas de cerveja):
Efeito hipnótico - sono. Falta de coordenação, mudança na percepção de tempo e espaço



5° estágio (CAS: de 300 a 500 mg% - acima de 6 latas de cerveja):
Alteração do estado de consciência. Intoxicação grave, hipoglicemia, convulsões, hipotensão. Estado de coma - quanto maior a dificuldade de responder a estímulos externos (barulho, cutucões), mais grave ele é. Se o indivíduo não for socorrido a tempo, pode morrer